



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

LUCAS PEREIRA LUCENA

**A CARTA DESVIADA DE FREUD PARA LACAN:
UMA ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE**

CAMPINA GRANDE – PB

2021

LUCAS PEREIRA LUCENA

**A CARTA DESVIADA DE FREUD PARA LACAN:
UMA ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L935c Lucena, Lucas Pereira.

A carta desviada de Freud para Lacan [manuscrito] : uma análise das formações do inconsciente / Lucas Pereira Lucena. - 2021.

75 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva ,
Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."

1. Inconsciente. 2. Psicanálise. 3. Freud. 4. Lacan. I. Título

21. ed. CDD 150

LUCAS PEREIRA LUCENA

**A CARTA DESVIADA DE FREUD PARA LACAN:
UMA ANÁLISE DAS FORMAÇÕES DO INCONSCIENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Psicologia.

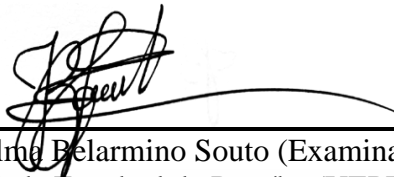
Área de concentração: Psicanálise.

Aprovado em: 25/03/2021.

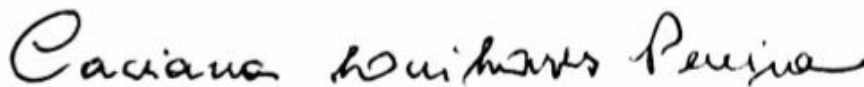
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Reginaldo Oliveira Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Caciana Linhares Pereira (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria das Neves, por estar sempre ao meu lado, sendo a mão amiga que me conduz e me levanta desde os meus primeiros passos.

Aos meus irmãos, Jairo e Bartolomeu, pelo apoio, amor e cuidado que sempre me dedicaram.

Ao Dr. Reginaldo Oliveira, orientador deste trabalho, por ter apostado no meu desejo de saber e me iniciado na pesquisa científica, uma oportunidade que marcou a minha trajetória acadêmica e pessoal.

Aos meus colegas de estágio e à nossa supervisora, Dra. Jailma Souto, pela companhia em tempos de distanciamento. Nossos encontros permitiram não só uma aproximação com a psicanálise, mas com cada um de vocês, que se tornaram amigos queridos.

Aos amigos com quem tive um feliz encontro durante a graduação, em especial à Críscia Delancout, Laura Brasil e Lhais Cabral, que se fizeram presentes em cada etapa e desafio dessa longa jornada.

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre o conceito de inconsciente na psicanálise, em que se parte da análise das formações para pensar a sua estrutura e estabelece um diálogo entre Sigmund Freud, teórico responsável por apresentar ao mundo como esse “lugar psíquico” se constitui, se estrutura e por quais vias se manifesta, e Jacques Lacan, o único freudiano a se dedicar à elucidação do conceito de inconsciente e renovar o seu sentido, ao postular que o mesmo seria estruturado como uma linguagem. Seguindo essa lógica de trabalho, o inconsciente é aqui explorado com base na análise de suas formações, passando pelo sonho, o sintoma, o ato falho e dando ênfase ao chiste, tanto na abordagem freudiana quanto na releitura empreendida por Lacan em seu quinto seminário, que concebe o chiste como um fenômeno linguageiro, o qual permite a demonstração e elucidação dos desdobramentos do inconsciente freudiano na leitura de Lacan. De posse da estrutura do inconsciente e o do chiste como modelo de formação, interessa aplicá-la a campos diversos, em particular, no exame do humor e do dito espirituoso como uma defesa possível diante de cenários de opressão.

Palavras-chave: Inconsciente. A carta roubada. Formações do inconsciente. Chiste. Linguagem.

ABSTRACT

This is a study of the concept of unconscious in psychoanalysis, based on the analysis of its formations to think of its structure. It aims at establishing a dialogue between Sigmund Freud, the theorist who presented the unconscious to the world and described how this “psychic place” is constituted, structured and in which ways it is manifested, and Jacques Lacan, the only Freudian psychoanalyst to dedicate himself to the elucidation of the concept of the unconscious and to the renewal of its meaning, by postulating that it is structured as language. Following this logic, the unconscious is explored here from the analysis of its formations, passing through the ideas of dream, symptom, and slips, emphasizing the *witz*, both in the Freudian approach and in the reinterpretation undertaken by Lacan in his fifth seminar. In Lacan’s reading, the *witz* is a linguistic phenomenon, which allows the demonstration and elucidation of the Freudian unconscious. Drawing on the structures of the unconscious and of the *witz* as formation models, this study aims at applying them to different fields, in particular, to the exam of humor and witty speech as possible defenses against oppressive scenarios.

Keywords: Unconscious. The Purloined Letter. Formations of the Unconscious. *Witz*. Language.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DO OLHAR À PALAVRA, DESCOBRINDO O INCONSCIENTE.....	11
2.1	Uma breve pré-história do Inconsciente.....	12
2.2	Lacan e o resgate do sentido em Freud.....	18
3	O INCONSCIENTE FREUDIANO: ORIGEM E DESLOCAMENTOS.....	24
3.1	<i>Verdrängung</i> , a origem do Inconsciente.....	24
3.2	Os desvios do recalçado.....	31
3.2.1	<i>As técnicas do chiste</i>	33
3.2.2	<i>A relação do chiste com o inconsciente</i>	37
3.3	Um novo passo em direção ao inconsciente.....	42
4	O INCONSCIENTE-LINGUAGEM, RELENDO FREUD ATRAVÉS DE LACAN.....	45
4.1	A estrutura do significante no inconsciente.....	46
4.2	A carta desviada e a determinação significante.....	50
4.3	Equívoco, morada da verdade.....	53
4.4	O chiste segundo o inconsciente-linguagem: metáfora e metonímia.....	56
4.5	A metáfora paterna e a constituição do sujeito.....	65
5	CONCLUSÃO	70
	REFERÊNCIAS	73

1. INTRODUÇÃO

Antes de Sigmund Freud, pode-se afirmar que o inconsciente estava no obscurantismo, visto que até o advento da teoria psicanalítica não houve quem se propusesse a desvendar suas leis, de modo a apresentar ao mundo como o inconsciente se constitui, se estrutura e por quais vias se manifesta. Servindo-se da metáfora da “carta roubada”, extraída do conto homônimo de Edgar Allan Poe, como chave de leitura para pensar o inconsciente no deslocamento de Freud a Jacques Lacan, pode-se dizer que o inconsciente sempre esteve “aí”, tal como a carta estava diante dos olhos de todos os personagens do conto, mas, no caso do inconsciente, estava “ao pé do ouvido”, uma vez que se faz presente nos tropeços da linguagem, em atos falhos e chistes; bem como à noite, povoa os sonhos; se encontrando, igualmente, na base do adoecimento neurótico.

No entanto, o inconsciente não era reconhecido como tal ou não havia interesse em decifrá-lo, mas Freud foi em sua direção e, partindo do exame de suas formações, descobriu um modo de funcionamento todo particular a esta instância psíquica, que objetiva a satisfação de um desejo que a consciência resiste em admitir e, em razão disso, se apresenta de um modo disfarçado ou distorcido. A identificação dos mecanismos que caracterizam e promovem esse disfarce, a condensação e o deslocamento, permitiu agrupar as diferentes formações do inconsciente dado que cada uma delas, do sintoma ao chiste, representa um produto dos desvios do processo primário inconsciente.

Todavia, os pós-freudianos não se ocuparam desse conceito a não ser Jacques Lacan, que toma para si a tarefa de investigar como se estrutura o inconsciente freudiano. De posse da “carta”, Lacan promove um desvio e introduz um novo sentido ao seu conteúdo. Defendendo que o mesmo seria estruturado como uma linguagem, o psicanalista introduz conceitos da linguística para explicar a trama inconsciente, equiparando os mecanismos do processo primário às figuras de linguagem, a saber, a metáfora e a metonímia. Desse modo, se apropria do método de análise desenvolvido por Freud e explicita o trajeto do significante no inconsciente. Freud descobre o inconsciente, “a carta”, e Lacan, ao apresentar um novo modo de abordá-lo, renova seu sentido.

O interesse de um estudo sobre o inconsciente, em que se parte da análise das formações para pensar sua estrutura e estabelece um diálogo entre dois autores que exploraram esse conceito-chave da psicanálise, está na apropriação de sua estrutura conceitual e na aplicação desta como método de investigação em outros campos de saber. Nesse sentido, Freud defende em suas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* que: “A psicanálise é caracterizada como

ciência, não pelo tema que trata, mas pela técnica que utiliza, pode-se empregá-la na história da cultura, ciência da religião e mitologia, tanto quanto na doutrina da neurose” (FREUD, 1916-1917, p. 410 apud ADORNO, 2018, p. 360). Desse modo, pode-se tomar o método desenvolvido por Freud e revisto por Lacan como instrumento de análise não somente do adoecimento psíquico, mas também como meio de empreender leituras nos campos mais diversos, como na cultura, na política e na literatura.

Seguindo esta perspectiva, o estudo em questão possui como objetivo geral examinar o conceito de inconsciente em Freud, tomando como ponto de partida a estrutura de suas formações, e os desdobramentos desse conceito freudiano na leitura empreendida por Lacan a partir do exame dos ensaios presentes nos Escritos (1998) e de alguns de seus seminários, em especial o livro 5, *As formações do inconsciente* (1957-1958). Como objetivos específicos pretende-se, primeiro, revisar a teoria freudiana do inconsciente, dando ênfase às formações; segundo, examinar os textos onde Lacan explora o inconsciente freudiano sob a perspectiva da linguagem; terceiro, apresentar a leitura do chiste tanto em Freud quanto em Lacan, considerando que esta foi a formação escolhida por Lacan para elucidar sua tese do inconsciente-linguagem.

Quanto à metodologia do trabalho, trata-se de uma revisão bibliográfica na qual se percorre os seguintes passos: primeiro, será realizada uma breve exposição do percurso de Freud até a descoberta do inconsciente, utilizando textos freudianos dedicados à história da psicanálise e de comentadores que escreveram sobre a vida e trajetória do seu criador; em seguida faremos uma apresentação sobre Lacan, expondo o modo como este se apropria do inconsciente freudiano na tentativa de restituir sua centralidade na cena psicanalítica de sua época.

Quanto ao capítulo dedicado ao Freud, visando compreender a trama psíquica por ele descoberta e formalizada, emprega-se um caminho inverso ao seu; não partindo das formações, mas dos textos metapsicológicos nos quais Freud apresenta de modo mais sistemático o seu conceito-chave. Desse modo, busca-se realizar um estudo do conceito de inconsciente nos textos freudianos de forma não cronológica. Para tanto, detém-se aos textos que datam do ano de 1915, em especial *A repressão* e *O Inconsciente*, os mesmos fazem parte de um conjunto de escritos que representa a tentativa de Freud de esclarecer as bases teóricas da psicanálise (GARCIA-ROZA, 1985). Em seguida, se faz o retorno a um dos textos iniciais de Freud, *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), a fim de apresentar o processo psíquico primário e seu papel nas formações do inconsciente. Para encerrar, dá-se um salto até o texto de 1923, *O Eu e o Id*, em que Freud amplia o conceito de inconsciente, introduzindo sua segunda

tópica e apresentando o Complexo de Édipo, de modo a seguir a metodologia aplicada por Lacan em seu quinto seminário no qual se parte do exame das formações e vai em direção a constituição do sujeito com o advento da metáfora paterna.

Em relação a parte do texto dedicado ao Lacan, partiremos da estrutura conceitual desenvolvida por Freud para o enfrentamento dos textos lacanianos, dentre eles estão alguns ensaios presentes nos Escritos (1998), os quais servirão de material para pensar a noção de significante em Lacan e o seu trajeto no inconsciente. Tal trajeto é efeito dos desvios provocados pela metáfora e a metonímia, figuras de linguagem que correspondem aos mecanismos do processo primário, constituindo o ponto de partida em defesa da tese lacaniana do inconsciente-linguagem. Depois, será feita a leitura do seminário sobre *A carta roubada* (1955) a fim de apresentar a noção de repetição e a determinação do sujeito à trama do significante. Também serão trabalhados alguns seminários que compõem a primeira etapa do ensino de Lacan, os quais representam parte do trajeto que nos levará ao livro 5, *As formações do inconsciente* (1957-1958), que constitui, junto ao *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), as principais referências deste trabalho, dado que foi ao longo de suas lições que Lacan apresenta o caminho do significante no inconsciente, elucidando a estrutura de suas formações - do chiste em particular - e do próprio inconsciente. Ademais, será realizado um trabalho de comparação a fim de observar como a teoria de Freud foi retomada por Lacan e os conceitos daí derivados.

Diante das contribuições deixadas por Freud e Lacan acerca do inconsciente, se faz oportuna a utilização desse conceito como método de investigação. Neste sentido, pode-se indicar como hipótese de trabalho a aplicação desta estrutura conceitual a outros fenômenos que não somente aqueles ligados à clínica. Desse modo, ultrapassa os muros do *setting* analítico e faz uso do saber psicanalítico para compreender questões contemporâneas, tal como fez Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921) e *O mal-estar na civilização* (1930). Seguindo a tese lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem é possível pensar os efeitos da linguagem sobre os corpos e o tecido social, como os sujeitos podem se servir dos recursos simbólicos e das artimanhas que o uso do significante possibilita para contornar as durezas da vida.

Considerando o aporte teórico fornecido pela psicanálise em torno do chiste, parece oportuno explorar em um estudo futuro o caráter social e transgressor dessa formação do inconsciente, uma vez que o chiste sempre pressupõe a presença de um Outro e encontra prazer na subversão da racionalidade civilizatória, configurando, conforme Miller (1999), um desvio à norma que introduz uma novidade no dito e pode representar uma forma de resistência às

violências ou manifestações de ódio. Neste sentido, pode-se pensar o humor e a tirada espirituosa como formas de denunciar, contornar ou defender-se de cenários opressores, o que só é possível graças ao que Lacan entende por metáfora paterna, operador responsável por introduzir o *infans* na ordem simbólica de modo que dela possa servir-se e agir contra a censura imposta pelo Outro das normas e do código. O uso da metáfora, seja pela via do humor ou do chiste, introduz o novo, podendo representar uma barreira às manifestações de violência e opressão.

2. DO OLHAR À PALAVRA, DESCOBRINDO O INCONSCIENTE

No alicerce de toda palavra, é a pulsão que insiste
Silvia Leonor Alonso

O inconsciente freudiano revolucionou o pensamento moderno e trouxe grandes contribuições à psiquiatria, à psicologia e às ciências humanas. Todavia, a ideia de inconsciente não surge com a psicanálise. Ao longo do século XIX diferentes discursos fizeram uso do termo inconsciente, falava-se em estágios primitivos da consciência; em um passado enterrado da mente ou um passado primordial herdado; outros discursos tendiam à religião ou a metafísica, colocando o inconsciente como um poder ou força de um criador divino; ou ainda o associavam a funções automáticas, como os reflexos (FFYTCHÉ, 2014).

Com a chegada do século XX e a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), surge a noção freudiana de inconsciente. Segundo Freud (1923/2011, p. 16), a psicanálise chegou ao conceito de inconsciente “elaborando experiências em que a dinâmica psíquica desempenha um papel”, reconhecendo portanto a existência de um conflito entre instâncias ou processos psíquicos que se opõem um ao outro e estão na origem do adoecimento neurótico e de outros “fenômenos” inconscientes. Junto à noção de inconsciente, surgiram outras proposições como pulsão, recalque, transferência, libido e sexualidade.

Freud, em o *Resumo da psicanálise* (1924), deixa claro que nenhum desses conceitos lhe surgiu como uma revelação, sendo a psicanálise resultado de um grande esforço pessoal, bem como de diversas influências e contingências que o conduziram a sua criação. Neste sentido, para melhor compreender o desenvolvimento do conceito de inconsciente se mostra oportuno realizar um resgate do percurso de Freud até a sua descoberta, dos *Estudos sobre a histeria* (1895), em colaboração com Josef Breuer, aos textos inaugurais da psicanálise: *Interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905).

Por se tratar de um estudo ampliado do inconsciente freudiano, o presente capítulo segue com a apresentação dos desdobramentos realizados por Jacques Lacan em torno deste conceito. O psicanalista francês dedicou o seu primeiro ensino à leitura dos textos freudianos numa tentativa de reaver o valor do inconsciente na experiência analítica, se apropriando da estrutura conceitual desenvolvida por Freud e introduzindo a linguística de Saussure. Para Lacan (1955-1956/1985, p. 139), “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”, tese que será demonstrada a partir da sua teoria do significante e da análise das formações do inconsciente.

2.1. Uma breve pré-história do Inconsciente

A medicina do século XIX encontrava-se impotente diante do adoecimento neurótico, uma vez que não havia respostas suficientes para compreender a sua causa. Logo, apreender a natureza dessas doenças da alma, classificadas como “doenças nervosas”, foi o objetivo que originalmente motivou a criação da psicanálise (FREUD, 1924/2011). Roudinesco (2016) descreve a conduta dos médicos vienenses do final do século XIX como “niilismo terapêutico” pois não havia o interesse de tratar dos pacientes, todos os esforços iam no sentido de examinar os corpos - na maior parte das vezes já mortos - na busca de encontrar causas anatômicas para a enfermidade. Nesses médicos, “o fascínio pela morte prevalecia sobre o desejo de curar ou tratar dos corpos em sofrimento” (ROUDINESCO, 2016, p. 54).

Freud (1924/2011) afirma que o tratamento das doenças nervosas era comprometido pela pouca compreensão que se tinha acerca desses estados, restringindo-se à medicalização e a “influência psíquica” manifestada sob a forma de “intimidações, zombarias, exortações a valer-se da própria vontade, ‘controlar-se’” (FREUD, 1924/2011, p. 224). Roudinesco (2016) acrescenta que eram realizados diversos tratamentos corporais, contudo não havia espaço para a escuta dos pacientes, uma vez que não se preocupavam com o que eles tinham a dizer sobre o seu sofrimento.

A neurose, em especial a neurose histérica, era considerada um verdadeiro enigma para os médicos e pesquisadores da época, pois além de não possuir correspondentes anatômicos, não apresentava sintomas regulares, o que dificultava ainda mais o diagnóstico e o seu tratamento. Jean-Martin Charcot, médico francês com quem Freud conviveu durante sua estadia no hospital parisiense *Salpêtrière*, se tornou uma referência no tratamento da histeria ao postular que apesar da ausência de referencial anatômico, a histeria não configurava uma encenação ou simulação do paciente e tampouco era uma doença estritamente feminina, podendo manifestar uma sintomatologia regular tanto em homens quanto em mulheres (GARCIA-ROZA, 1985).

Segundo Garcia-Roza (1985), Charcot passa a classificar a histeria como uma perturbação fisiológica do sistema nervoso. Desse modo, a retira do domínio da psiquiatria e a inclui no campo das doenças neurológicas. Além disso, revoluciona o tratamento da histeria ao introduzir a hipnose como método terapêutico. Era através da hipnose e do uso de drogas que o médico francês buscava alcançar a regularidade dos sintomas histéricos. De início, os pacientes passaram a apresentar os sintomas requeridos pelo médico, para em seguida apresentar muitos outros, qualitativamente distintos e que não lhe eram solicitados, o que fez com que Charcot falhasse ao tentar dar consistência ao quadro de neurose histérica e a

classificá-la como uma doença neurológica. Dessa maneira, descobriu-se que “a histeria nada tinha a ver com o corpo neurológico, mas com o desejo do médico” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 34).

Tais contingências levaram Charcot a considerar o trauma como fonte do adoecimento neurótico. O trauma provocaria uma espécie de estado hipnótico permanente, manifestando-se no corpo por meio das paralisias, cegueiras, dentre outros sintomas histéricos. A hipnose provocada pelo médico no paciente tinha o mesmo caráter, sendo no entanto temporária (GARCIA-ROZA, 1985). Segundo Garcia-Roza (1985, p. 34), uma vez que entrava em estado hipnótico o paciente era exortado a narrar a cena traumática e isso se dava pelo fato que “na medida em que o trauma em questão não é de ordem física, ressurgem a necessidade de o paciente narrar sua história pessoal para que o médico possa localizar o momento traumático responsável pela histeria”.

Todas essas descobertas colaboraram para uma progressiva mudança de perspectiva em que aos poucos se abandonava a observação e a descrição dos sintomas para dar lugar a uma clínica da fala. Ouvindo as histéricas, o que Charcot encontrou foi a origem sexual do trauma e tal descoberta será o ponto de partida das investigações de Freud (GARCIA-ROZA, 1985). Para Roudinesco (2016) o encontro com Charcot foi fundamental para o desenvolvimento da teoria freudiana, uma vez que o mesmo contribuiu não só para uma nova perspectiva da vida psíquica, como também introduziu a sexualidade humana como uma das fontes do adoecimento neurótico. A autora pontua que “Charcot era mais que um professor para Freud, tendo contribuído para a conquista de um novo continente: o da sexualidade” (ROUDINESCO, 2016, p. 66).

Apoiado no método de tratamento empreendido por Charcot, Freud (1924/2011) revela que a partir da hipnose pode-se inferir a existência de processos psíquicos que não podiam ser outra coisa senão inconscientes. Graças aos estados hipnóticos o conceito de inconsciente, antes dominado pelo discurso filosófico, tornou-se palpável, um objeto de experimento. Nesse sentido, afirma que “a psicanálise administra um legado que herdou do hipnotismo” (FREUD, 1924/2011, p. 225).

De volta a Viena, Freud passa a trabalhar com Josef Breuer, médico vienense que também se ocupava das manifestações enigmáticas da histeria. Em suas investigações Breuer reconhece que os sintomas histéricos estavam ligados a situações que envolviam um impulso psíquico ao qual visava uma ação que não poderia realizar-se, uma vez que outros motivos se opunham a ela de tal modo que o impulso foi suprimido. A hipótese era de que os sintomas histéricos surgiriam como substitutos dessas ações não-realizadas. Além disso, Breuer

equiparou as situações em que ocorre a supressão dos impulsos aos traumas defendidos por Charcot (FREUD, 1924/2011). Para Freud (1924/2011, p. 227), as ideias de Breuer e Charcot já forneciam provas da existência de processos psíquicos inconscientes, dado que

Era notável que esses ensejos traumáticos e todos os impulsos psíquicos a eles ligados estivessem perdidos para a memória da paciente, como se jamais tivessem ocorrido, enquanto seus efeitos, os sintomas, permaneciam inalterados, como se para eles não houvesse desgaste pelo tempo.

Como terapêutica, Breuer propôs o método catártico, consistindo em induzir o paciente em estado hipnótico a uma rememoração dos traumas esquecidos e a uma reação aos mesmos, de modo que o afeto a eles associados possa ser descarregado ou exteriorizado. O sintoma surgiria no lugar desse afeto não elaborado pela consciência, desaparecendo somente quando ocorre a recordação da experiência traumática e a descarga do afeto (FREUD, 1924/2011). De acordo com Roudinesco (2016), Freud viria a adotar o método catártico, mas optou inicialmente pela sugestão hipnótica. Do lugar de “hipnotizador”, “Freud buscava, mediante a relação dinâmica, uma saída para o niilismo terapêutico” (ROUDINESCO, 2016, p. 68).

Bernheim, médico e professor de clínica geral, defendia que a hipnose era essencialmente uma técnica de sugestão verbal, acreditando que a mesma poderia alcançar efeitos em estado de vigília. Assim, dava-se mais um passo em direção à ultrapassagem da clínica do olhar e sua substituição por uma clínica da fala (ROUDINESCO, 2016). Segundo Roudinesco (2016, p. 69), o encontro com Bernheim foi fundamental para a assimilação, por parte de Freud, do “princípio de uma terapia que abrirá caminho para um tratamento pela palavra”.

Em seguida, Freud adere ao método proposto por Breuer e descreve em seu texto de 1914, *Contribuições à história do movimento psicanalítico*, como ambos conduziam o paciente ao efeito de catarse: “Nós dirigíamos a atenção do enfermo para a cena traumática em que aparecera o sintoma, e nela procurávamos desvelar o conflito psíquico e liberar o afeto suprimido” (FREUD, 1914/2012, p. 249). Em 1895, Freud e Breuer publicaram um trabalho colaborativo intitulado *Estudos sobre a histeria*, indo na contramão dos trabalhos da época que se limitavam a descrições frias e técnicas sobre o adoecimento neurótico. Através dos relatos de caso os autores mostraram que não eram os únicos que tinham algo a dizer, concedendo a palavra às pacientes e fornecendo ao leitor um pouco do universo particular de cada uma delas (ROUDINESCO, 2016).

Devemos a Freud a queda da hierarquia entre médico e paciente na qual o primeiro era o único detentor da fala, afirma Roudinesco (2011) ao alegar que “a irrupção da fala - e,

portanto, da fala das mulheres - na cena de uma nova ciência da psique foi, sem dúvida, um dos momentos fundadores da história do freudismo” (ROUDINESCO, 2011, p. 47). Freud estava participando de uma verdadeira revolução terapêutica já que “graças ao novo método de tratamento por meio da fala inventado por Breuer e retrabalhado por ele, os distúrbios psíquicos podiam ser entendidos, tratados e às vezes curados” (ROUDINESCO, 2016, p. 88). Ao longo do tratamento, as associações das pacientes iam em direção aos seus primeiros anos de vida e notou-se que a maior parte das experiências traumáticas aconteciam na infância, fazendo com que o tratamento se configurasse como um trabalho sobre o passado do paciente. Tudo indicava que a origem dos sintomas neuróticos estava relacionada a um trauma de natureza sexual sofrido na infância, de maneira a reconhecer uma correspondência com o que Charcot já havia postulado (ROUDINESCO, 2016).

Ainda se valendo da hipnose para tratar a neurose, Freud se depara com o fenômeno da transferência, que se apresenta como “elemento erótico presente no tratamento” (ROUDINESCO, 2016, p. 69), servindo de motivação para a ruptura entre ele e Breuer. O psicanalista revela que durante o tratamento do famoso caso de Anna O., Breuer teria testemunhado o elemento sexual da transferência em sua relação com a paciente, mas, diferente de Freud, o médico não supôs que se tratava de um fenômeno universal, reconhecendo-o como “acontecimento impróprio” e recuando diante dele (FREUD, 1914/2012). Breuer “negava-se a interpretar como um fenômeno transferencial a possibilidade de pacientes quererem seduzir seus terapeutas” (ROUDINESCO, 2016, p. 83), já Freud encarava esse fato como a confirmação da etiologia sexual da histeria, o que veio a se tornar o epicentro das discordâncias entre os dois.

Desse modo, dava-se um fim a parceria entre Sigmund Freud e Josef Breuer. Após a ruptura, Freud abandona a hipnose, sendo motivado pelo fato de que nem todos os pacientes se deixavam hipnotizar e por sua insatisfação em relação aos resultados terapêuticos que obtinha com o método catártico e a hipnose (FREUD, 1924/2011). Em função disso, passa a adotar o método da associação-livre, no qual o paciente é exortado a abandonar a reflexão consciente e a comunicar tudo o que habita seus pensamentos - por mais vergonhosos, absurdos ou impróprios que possam parecer - ao analista, sem qualquer restrição. Na verdade, Freud esperava que as associações do paciente se revelassem não-livres, isto é, que seus pensamentos seriam inconscientemente determinados. Justifica sua técnica ao afirmar que “obedecendo à mencionada ‘regra psicanalítica fundamental’, obtínhamos um rico material de coisas que vinham à mente do paciente, que podiam nos levar à pista do que ele havia esquecido” (FREUD, 1924/2011, p. 230) e, a partir dos vestígios que se revelavam na fala do paciente, o analista faria um trabalho de reconstrução de sua história progressa.

O que Freud encontra de início é uma relutância por parte dos pacientes em revelar seus pensamentos, supondo que se tratava de uma espécie de defesa própria da dinâmica do aparelho psíquico, um jogo de forças que a hipnose até então ocultava (FREUD, 1924/2011). Estava prestes a elaborar sua teoria do recalque, ideia que constitui, nas palavras do próprio Freud (1914/2012, p. 257), “o pilar em que repousa o edifício da psicanálise”. A constatação de que a resistência coincide com o esquecimento de determinados fatos da história do sujeito leva Freud a articular uma nova forma de conceber o inconsciente, distinta das especulações filosóficas que dominavam o pensamento da época, um inconsciente em um sentido dinâmico a partir do qual supõe o conflito entre forças opostas (FREUD, 1914/2012).

Nesse mesmo período Freud se afasta da concepção de trauma herdada de Charcot, renunciando a ideia de que todos os neuróticos haviam passado por alguma experiência real de trauma, pois compreende que as cenas sexuais narradas pelos pacientes poderiam igualmente derivar de uma construção fantasmática, isto é, de uma cena que ocorreu somente na fantasia. Roudinesco (2016, p 92) relata que “graças ao método psicanalítico, [...] o terapeuta agora seria capaz de discernir múltiplas ordens de realidade frequentemente entrelaçadas: o abuso sexual real, a sedução psíquica, a fantasia, a transferência”.

Na medida em que a psicanálise se constituía como um tratamento pela palavra, expandia-se a compreensão acerca do dinamismo psíquico. Freud reconhece que as impressões e impulsos reprimidos pelo paciente não foram apenas esquecidos, mas recalcados, isto é, excluídos da consciência, e em seu lugar surgiram as formações sintomáticas. O recalque configura uma defesa diante do conflito entre forças psíquicas contrárias:

A repressão partia da personalidade consciente (do Eu) do paciente, invocando motivos éticos e estéticos; eram atingidos por ela impulsos de egoísmo e crueldade geralmente considerados maus, mas sobretudo desejos sexuais, com frequência da espécie mais crua e mais proibida. Os sintomas patológicos eram, portanto, um substituto para satisfações proibidas (FREUD, 1924/2011, p. 231-232).

Descobre-se que os sintomas neuróticos são dotados de sentido e que na maior parte dos casos o sentido é sexual. A sexualidade humana passa a ocupar um lugar privilegiado na teoria de Freud, estando no centro das investigações sobre o adoecimento neurótico e da vida psíquica de um modo geral. Partindo desse ponto, o psicanalista lança conceitos como o “complexo de Édipo”, que tem relação com as fantasias sexuais infantis, e obras como *Três ensaios sobre a Teoria da sexualidade* (1905), um estudo sobre a natureza e o desenvolvimento da pulsão sexual (FREUD, 1924/2011).

Os fenômenos patogênicos já não eram a única fonte de exploração do inconsciente, Freud também se interessava pela atividade psíquica presente no homem saudável, em especial por sua vida onírica. Ao examinar seus próprios sonhos e os relatos oníricos de seus pacientes, Freud (1924/2011, p. 235) percebe que “o sonho não é construído diferentemente de um sintoma neurótico” e, por mais absurdo e sem sentido que ele possa parecer, é pleno de sentido. Todavia, seu sentido é ocultado pelo trabalho do sonho, sendo disfarçado ou distorcido através de dois grandes mecanismos próprios do sistema inconsciente: a condensação e o deslocamento. O sonho, assim como o sintoma, é um compromisso entre tendências psíquicas opostas. O sujeito só tem acesso ao conteúdo manifesto do sonho, a sua face distorcida, e é por meio de um trabalho de análise que podemos nos aproximar de seu conteúdo latente, ou seja, o sentido oculto do sonho. Para Freud (1900/2017, p. 182), o sonho corresponde a uma “realização (disfarçada) de um desejo (reprimido)”, ou seja, de desejo inconsciente.

É nesse percurso que se pode situar *A interpretação dos sonhos*, cuja publicação marca a chegada do século XX, uma vez que Freud esperou para lançá-lo em 1900. Se constitui como texto fundador da psicanálise, responsável por revolucionar o pensamento moderno com a concepção de inconsciente como uma “outra cena”, ignorada pela consciência, e apontar sua universalidade, uma vez que essa instância psíquica não está presente somente nos sujeitos ditos neuróticos, mas em todo e qualquer ser humano. Segundo Roudinesco (2016, p. 106), “Freud se pretendia o mensageiro de uma realidade recusada, negada, recalcada” e sua ciência dos sonhos representava o “manifesto de uma nova compreensão da subjetividade humana” (ROUDINESCO, 2016, p. 108) que pretendia “mudar o homem, explorando a face oculta de seus desejos” (ROUDINESCO, 2016, p. 109).

No ano seguinte, em 1901, Freud publica mais uma obra dedicada aos fenômenos de motivação inconsciente, *Psicopatologia da vida cotidiana*, em que o psicanalista demonstra, valendo-se de inúmeros exemplos, que o inconsciente não descansa, agindo igualmente na vida de vigília. Atos que antes eram encarados como simples equívocos, desprovidos de qualquer sentido, como os lapsos de fala, de escrita ou leitura e os esquecimentos, passam a figurar dentre as manifestações do inconsciente. De acordo com Roudinesco (2016, p. 124), Freud “afirmava que esses descuidos e outras gafes eram a manifestação de um desejo recalcado, não raro de caráter sexual, a qual vinha contradizer radicalmente uma intenção consciente”.

Para completar o que Roudinesco (2016, p. 128) chamou de “trilogia da virada do século”, temos *O chiste e sua relação com o inconsciente*, publicado em 1905. Neste texto, Freud explora o universo do *Witz*, a técnica por meio da qual se constitui e o prazer que dele pode ser extraído. O psicanalista caracteriza o chiste como um *nonsense* que logo se revela

pleno de sentido e pelo qual se obtém prazer através de uma função lúdica da linguagem (ROUDINESCO, 2016). Segundo Freud (1914/2012) esse é o primeiro trabalho em que vemos a aplicação do pensamento analítico a questões estéticas. Nele são apresentadas e analisadas histórias e anedotas, demonstrando como e por quais técnicas o desejo inconsciente ultrapassa a intenção consciente e provoca o riso. Roudinesco (2016, p. 124) expõe que era com prazer que

Freud se apoderava das palavras, da sintaxe, dos discursos, dos relatos [...]. Todo esse material da esfera da linguagem, ele dizia, só faz revelar uma verdade que escapa ao sujeito e se constitui à sua revelia num saber organizado, numa formação do inconsciente.

Partindo em direção a Lacan, pode-se observar que o mesmo julgava ser “toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente” (LACAN, 1957/1998, p. 498), tese que encontra apoio nos textos freudianos citados acima: *A interpretação dos sonhos* (1900), *A psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905). Os mesmos são considerados “canônicos em matéria de inconsciente” (LACAN, 1957/1998, p. 526) e constituem a “trilogia do significante” (QUINET, 2000, p. 24), uma vez que demonstram como as formações do inconsciente seguem as leis do significante, a saber, a metáfora e a metonímia. Este percurso que conduz Freud ao inconsciente nos permite indagar quais os motivos que levaram Lacan a realizar um “retorno à obra freudiana”, tendo como objetivo resgatar o sentido da experiência inaugurada por Freud e elucidar sua tese do inconsciente-linguagem a partir do exame das formações do inconsciente.

2.2. Lacan e o resgate do sentido em Freud

Jacques Lacan, psiquiatra e psicanalista francês, figura entre os principais nomes da psicanálise pós-freudiana, sendo o responsável por valiosas contribuições a esse campo do saber. Ao longo do seu ensino Lacan estabelece articulações entre o saber psicanalítico e outras disciplinas, como a linguística e a antropologia estrutural (JORGE, 2005), sendo também o único herdeiro de Freud a conferir um arcabouço filosófico à obra freudiana (ROUDINESCO, 2011). Entretanto não pretendia reinventar a psicanálise, afirma Miller (1987), uma vez que o seu primeiro ensino surge sob o signo de um retorno à Freud com o intento de reconquistar o campo freudiano através do resgate dos fundamentos da experiência analítica (JORGE, 2005). Esta originalmente tem como único instrumento a fala do paciente e está fundamentada em

conceitos como inconsciente e sexualidade (LACAN, 1953/1998). Em seu escrito *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998, p. 247) afirma que

[...] a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala.

Para o autor, testemunhava-se uma verdadeira “torre de babel” quando o assunto é a prática analítica: “não existe talvez um único que tenha, no fundo, a mesma ideia que qualquer outro de seus contemporâneos ou vizinhos a respeito daquilo que se faz, daquilo a que se visa, daquilo que se obtém, daquilo que se trata na análise” (LACAN, 1953-54/2009, p. 19). Nesse sentido o seu primeiro ensino vai ser marcado por um retorno ao campo freudiano que, nas palavras de Dor (1989, p. 11), “permanece como infraestrutura constante da arquitetura teórica de Lacan”.

Na década de 1950, após meio século de psicanálise, Lacan dá início aos seus seminários cujo ensino - que durou quase trinta anos e produziu vinte e sete seminários - pode ser dividido em dois momentos. O primeiro momento é dedicado à leitura dos textos freudianos e a interlocução com autores contemporâneos, como Ferdinand de Saussure, Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss. Entre 1950 e 1952 Lacan trabalha os casos clínicos de Freud, como o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos (JORGE, 2005) e durante os dez anos seguintes, de 1953 a 1963, realiza um vasto comentário sobre a obra freudiana, retomando as principais ideias de Freud e avançando na elaboração e desenvolvimento de novos conceitos. Com a conferência *O simbólico, o imaginário e o real*, realizada em 1953 na Sociedade Francesa de Psicanálise, Lacan apresenta os conceitos que dão nome ao seminário e que lhe serviram de instrumento para dissecar de maneira inédita toda a obra freudiana, dando, nesse primeiro momento, primazia ao Simbólico em relação aos outros registros (JORGE, 2005). Para Roudinesco (2011, p. 65), esse período do ensino de Lacan representa “o essencial de seu sistema de pensamento”.

O segundo momento de seu ensino é marcado por uma maior aproximação com o conceito de Real e suas articulações com o Simbólico e o Imaginário, além de ser o momento em que Lacan passa a se servir ainda mais da lógica, da matemática e da topologia (JORGE, 2005). Entre 1964 e 1974 já não comenta diretamente os textos freudianos, detendo-se mais a análise dos seus próprios termos como o *Outro*, o *objeto a* e o *sujeito barrado*. De 1975 em diante passa a tomar seu discurso como objeto de estudo e faz do Real uma categoria essencial (MILLER, 1987).

Vale ressaltar que o presente trabalho se ocupa do primeiro momento do ensino de Lacan, uma vez que se pretende pensar o conceito de inconsciente a partir de suas formações. Partindo desta perspectiva, aqui se fará uma análise do seminário 5, *As formações do inconsciente*, realizado entre 1957 e 1958. Foi ao longo de suas lições que o psicanalista francês “pretendeu repensar o funcionamento do aparelho psíquico a partir de um modelo primordial, ou primário, que teria a estrutura da linguagem” (ROUDINESCO, 2011, p. 66). Reagindo ao descuido em relação ao conceito de inconsciente, Lacan buscava reaver sua centralidade na experiência analítica e, neste ponto, lança sua tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. É a partir das formações do inconsciente, as quais revelam a sua estrutura de linguagem, que o inconsciente lacaniano será aqui apresentado.

Para Lacan (1953-54/2009), as transformações que ocorreram no campo freudiano são efeito da apropriação das elaborações teóricas que correspondem ao período de 1920. A psicanálise pós-freudiana privilegiava o Eu e sua adaptação à realidade em detrimento das formações do inconsciente, pois consideravam que a segunda tópica [Id, Eu e Supereu] havia substituído a primeira tópica [Inconsciente, Pré-consciente e Consciente] (JORGE, 2005). Segundo Lacan (1953-54/2009, p. 24), “é em torno da concepção do ego que gira desde então, todo o desenvolvimento da técnica analítica, e é aí que é preciso situar a causa de todas as dificuldades que a elaboração teórica desse desenvolvimento prático coloca”. Nessa perspectiva, o analista opera exclusivamente sobre o Eu considerando-o seu aliado e única fonte de conhecimento acerca do paciente, prática que trará consequências teóricas para o campo freudiano.

Enquanto a Escola norte-americana tomava o Eu como representante da realidade e o grande responsável por conter as pulsões sexuais, a Escola francesa, que tinha Lacan como representante, recusava qualquer ideia que concedesse autonomia ao Eu, concebendo-o como uma instância de natureza imaginária que tem sua origem nas identificações primordiais do *infans* (ROUDINESCO, 2011). No mais, a centralidade do Eu não era o único problema identificado por Lacan, havendo também a “tentação [...] de abandonar o fundamento da fala” (LACAN, 1953/1998, p. 244). Esse fator apontava para uma incongruência, visto que a experiência analítica não existe fora do campo do discurso, pelo contrário, “o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala” (LACAN, 1953/1998, p. 245). Lacan, portanto, dirige todo o seu esforço no sentido de revalorizar e devolver a dignidade à fala como instrumento do campo psicanalítico.

Para Lacan (1953/1998), toda fala demanda uma resposta e a resposta sempre pode ser alcançada caso haja alguém que escute aquele que fala, de forma que até o silêncio constitui

uma resposta. Esse é o cerne da função da fala e é isso que se dá em análise. No entanto, a fala pode se mostrar vazia, o sujeito fala em vão e não se aproxima da assunção de seu próprio desejo. O analista que ignora ou não reconhece a função da fala, quando se vê diante de sua face esvaziada, sentirá em si mesmo o vazio e irá buscar, para além da fala, uma realidade que o preencha, a exemplo da observação e padronização do comportamento. A frustração sentida pelo analisante não advém do silêncio do analista, aponta Lacan (1953/1998), enfatizando que a resposta à fala vazia pode acarretar efeitos ainda mais frustrantes que o silêncio. A frustração é inerente ao próprio discurso do sujeito, que, segundo Lacan (1953/1998, p. 250-251):

[...] não se empenha neste numa despossessão cada vez maior do ser de si mesmo, o qual - em virtude de pinturas sinceras, que nem por isso tornam menos incoerente a idéia, de retificações que não conseguem destacar sua essência, de apoios e defesas que não impedem sua estátua de vacilar, de abraços narcísicos que constituem um sopro de animação - ele acaba reconhecendo que nunca foi senão um ser de sua obra no imaginário, e que essa obra desengana nele qualquer certeza. Pois, nesse trabalho que faz de reconstruí-la para um outro, ele reencontra a alienação fundamental que o fez construí-la como um outro, e que sempre a destinou a lhe ser furtada por um outro.

Trata-se, portanto, da frustração em reconhecer que o Eu não passa de uma construção imaginária, incapaz de dar conta do ser do sujeito. Para Miller (1987), o Eu constitui um engodo, sendo esperado que o paciente trate com desdém qualquer fala que comprometa o equívoco que funda sua própria imagem. Logo, não haverá resposta adequada à fala do paciente, sendo preciso, durante o processo de análise, que o analista trabalhe no sentido de fazer vacilar as certezas que o analisante possui sobre si mesmo sem jamais prescindir da fala. Isso se dá pois “mesmo que não comunique nada, o discurso representa a existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho” (LACAN, 1953/1998, p. 253). No trabalho de análise o psicanalista é aquele que faz da história cotidiana um apólogo, extraindo dele as meias-palavras do analisante, é aquele que enxerga no simples lapso uma complexa declaração (LACAN, 1953/1998).

O percurso de Freud nos faz visualizar o atravessamento de um método de descrição do comportamento, típico do *niilismo* terapêutico, para um método de interpretação dos discursos (ROUDINESCO, 2016). O trabalho com as histéricas levou Breuer e Freud a crerem na existência da fala plena, uma fala capaz de curar, ancorada numa verdade particular de cada sujeito (LACAN, 1953/1998). O sintoma era resultado de uma experiência inassimilável para o sujeito; um trauma, que ele não foi capaz de simbolizar. A cura na psicanálise aparece como

uma via de simbolização que ocorre por meio da verbalização, quando o sujeito passa à palavra (MILLER, 1987).

O sintoma, portanto, é estruturado como uma linguagem e só pode ser resolvido numa análise linguageira (LACAN, 1953/1998). Escutando as histórias relatadas por seus pacientes Freud esbarra na “realidade do que não é nem verdadeiro nem falso” (LACAN, 1953/1998, p. 257), ou seja, nas fantasias dos neuróticos. Não se tratava de mera recordação, mas de uma construção atual de fatos passados, nas palavras de Lacan (1953/1998, p. 257): “o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes”.

Recorrendo à vida onírica, Lacan (1953-54/2009) coloca que para Freud os sonhos são uma maneira de lembrar, todavia, nunca se apresentam sob a forma de lembranças manifestas, uma vez que o acesso às lembranças que o sonho comporta requer um trabalho de elaboração do sujeito. Esse parece ser um ponto fundamental da teoria freudiana, pois indica que o trabalho consiste sempre na leitura e na tradução “do criptograma que representa o que o sujeito possui atualmente na sua consciência” (LACAN, 1953-54/2009, p. 22). A restituição do passado equivale a sua reconstrução sob a forma de revivescência, isto é, o essencial não é lembrar o evento exatamente como ele ocorreu, mas a sua reconstrução, aquilo que o sujeito foi capaz de elaborar em torno disso. Lacan reconhece que para compreender a experiência é preciso situá-la no registro da palavra, pois trata-se de reescrever a história (LACAN, 1953-54/2009).

Portanto, Lacan restitui a vertente da palavra na experiência psicanalítica demonstrando que a metapsicologia¹ freudiana não é outra coisa senão “uma análise da estrutura da linguagem” (MILLER, 1987, p. 13). O sonho, tal como Freud nos apresenta em *A interpretação dos sonhos*, tem a estrutura de um *rébus*, uma frase que se traduz em imagens e que expressa um desejo inconsciente do sonhador (LACAN 1953/1998). Segundo Lacan (1953/1998, p. 269), o trabalho de elaboração do sonho inclui toda espécie de artifício linguageiro:

Elipse e pleonasma, hipérbato ou silepse, regressão, repetição, aposição, são esses os deslocamentos sintáticos, e metáfora, catacrese, antonomásia, alegoria, metonímia e sinédoque, as condensações semânticas em que Freud nos ensina a ler as intenções ostentatórias ou demonstrativas, dissimuladoras ou persuasivas, retaliadoras ou sedutoras com que o sujeito modula seu discurso onírico.

¹ Na definição proposta por Freud a metapsicologia corresponde ao estudo dos processos psíquicos a partir de três coordenadas “em suas relações *dinâmicas*, *topológicas* e *econômicas*.” (FREUD, 1915a/2010, p. 89). Para Garcia-Roza a metapsicologia representa um “conjunto de modelos conceituais que constituem a estrutura teórica da psicanálise” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 113). Logo, não se restringe aos textos de 1915 e os seus subseqüentes, mas toda a obra freudiana é metapsicológica.

Considerado a via régia para o inconsciente, os sonhos ajudaram Freud a decifrá-lo e a identificar seus mecanismos qualificados como primários, a condensação e o deslocamento, que Lacan toma como equivalentes às figuras de linguagem, a saber, a metáfora e a metonímia (MILLER, 1987). Estabelecida a transferência no processo de análise, o sonho passa a ser uma mensagem dirigida ao analista, uma provocação ou uma confissão velada, tornando-se parte do diálogo que caracteriza a análise (LACAN, 1953/1998).

Com a *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud nos fez reconhecer que “todo ato falho é um discurso bem-sucedido”, afirma Lacan (1953/1998, p. 269). Os tropeços da fala revelam uma verdade não reconhecida que só pode ser dita através de meias-palavras. Segundo Soler (2012, p. 118), “o ato falho e o lapso são rateios da vigilância, rateios nas realizações intencionais do sujeito da consciência, quer se trate de sua ação ou de sua fala”. O esquecimento, outro fenômeno descrito nesta obra de Freud, deixa o sujeito diante dos destroços de um significante que lhe escapa, mas que constituem o único meio de encontrá-lo. É o que Freud demonstra ao remontar a cadeia associativa que provocou o esquecimento do nome Signorelli (LACAN, 1957-58/1999).

Lacan apresenta *O chiste e sua relação com o inconsciente* como “a obra mais incontestável” (LACAN, 1953/1998, p. 271) devido à transparência com que Freud expõe os efeitos do inconsciente e a sua relação com a linguagem. Neste texto, “tudo é substância, tudo é pérola”, afirma Lacan (1953/1998, p. 271) ao equiparar a técnica verbal descrita por Freud e a técnica significativa que dá amparo a sua tese do inconsciente estruturado como uma linguagem. Para Soler (2012) o chiste também habita a vida de vigília do sujeito, contudo não constitui um rateio da consciência, mas uma surpresa agradável para o ouvinte.

Traçado o caminho de Freud até a sua descoberta e o “resgate” do inconsciente por Lacan, segue-se com a exposição deste conceito-chave na obra de Freud. Partindo para os textos metapsicológicos de 1915, busca-se investigar sua origem no processo de recalque [*Verdrängung*] no intuito de elucidar o modo como Freud apreendeu a estrutura do inconsciente a partir do exame de suas formações, produções que derivam das leis que constituem o mecanismo do inconsciente: a condensação e o deslocamento. Dentre os textos freudianos optou-se por analisar *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), uma vez que o chiste é a formação adotada por Lacan para demonstrar o trajeto do significante no inconsciente, revelando, assim, sua estrutura de linguagem, ponto que virá a ser trabalhado no último capítulo do presente estudo.

3. O INCONSCIENTE FREUDIANO: ORIGEM E DESLOCAMENTOS

Pois a questão-chave é: sob que máscara retornará o recalcado?

Adriana Calcanhotto

Até Freud a subjetividade humana encontrava-se ancorada na noção de consciência, concepção dominante no século XIX. O que escapava à razão, entretanto, não era fonte de interesse, sendo muitas vezes considerado apenas um equívoco da consciência. O termo “inconsciente” era utilizado em seu sentido descritivo, como um adjetivo, visando qualificar o que não era da alçada da consciência (GARCIA-ROSA, 1985). Partindo do exame das neuroses e da vida onírica, Freud descobre que o inconsciente não é apenas um atributo daquilo que não é consciente, mas possui leis e qualidades particulares que fazem dele um sistema psíquico organizado. O que caracteriza esse “lugar” psíquico “não são os seus conteúdos, mas o modo segundo o qual ele opera, impondo a esses conteúdos uma determinada forma” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 175).

Freud, então, infere que na base dos fenômenos lacunares e da própria constituição da psique há a disputa entre forças contrárias, ideia que o levará à elaboração do conceito de recalque e a formação da primeira topografia do aparelho psíquico: inconsciente, pré-consciente e consciente. De um lado temos o inconsciente, “lugar” do desejo responsável por abrigar os representantes ideativos da pulsão que, quando rejeitados pela censura pré-consciente, buscam vias indiretas de satisfação. O outro pólo é representado pelo pré-consciente/consciente, “lugar” em que opera o recalque, mecanismo que barra a satisfação pulsional e impele seu representante para fora da consciência (FREUD, 1915a/2010).

Depois de realizado o percurso de Freud até a descoberta do inconsciente, faz-se necessário ir em direção às elaborações teóricas em torno deste conceito-chave. A começar por sua origem que se localiza no mecanismo do recalque [*Verdrängung*], identificado por Freud como o responsável pela clivagem do aparelho psíquico e, conseqüentemente, pela constituição do inconsciente. Assim, a ação do recalque repercute sobre a dinamicidade do aparelho psíquico, uma vez que o seu alvo, o conteúdo recalcado, insiste em se satisfazer mesmo a despeito da consciência. Com isso, revela-se o próprio movimento do inconsciente e as leis que nele estão implicadas, a condensação e o deslocamento, representando os desvios que o inconsciente promove na tentativa de burlar a censura e alcançar a satisfação através de suas formações. Estas constituem o ângulo pelo qual o inconsciente será aqui apresentado.

3.1. *Verdrängung*, a origem do Inconsciente

Buscando realizar uma exposição mais rigorosa sobre o conceito de inconsciente, Freud reúne em seu ensaio homônimo os argumentos que dispõe acerca da sua existência na vida psíquica do homem. Por considerar que a investigação psicanalítica parte da consciência em direção ao inconsciente, inicia sua defesa apontando para as lacunas que se manifestam na consciência e que permanecem ininteligíveis à mesma, se referindo aos fenômenos lacunares, produções do inconsciente que perturbam a consciência sem que se saiba de onde vêm e qual é o seu sentido (FREUD, 1915a/2010). Foram esses fenômenos que serviram de material especulativo a Freud e lhe permitiram supor a existência do inconsciente. O psicanalista julgava que “[...] a identificação convencional entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada” (FREUD, 1915a/2010, p. 103), por isso insistia na defesa do inconsciente, apostando que através de uma prática que considerasse essa hipótese poderíamos avançar na compreensão da psique humana, ultrapassando os limites da consciência e atingindo um sentido a mais.

No trabalho com os pacientes neuróticos, Freud percebe que os mesmos experimentam algumas dificuldades sempre que defrontados com alguma tarefa ou conteúdo que surge na sessão. A esse fenômeno o psicanalista dá o nome de resistência e aponta como sinal de sua presença na cena analítica a parada das associações-livres, dizendo que “suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido” (FREUD, 1923/2011, p. 21). Tal afirmação se encontra no texto *O Eu e o Id* (1923), em que são retomadas as elaborações feitas nos escritos metapsicológicos de 1915. A resistência, portanto, aparece como uma força que se opõe ao andamento da análise dada a aproximação com um conteúdo que o sujeito desconhece. Logo, Freud supõe se tratar de uma defesa psíquica e parte em direção a elaboração da sua teoria do recalque.

Além das ideias latentes, as quais se aproximam da concepção de “inconsciente descritivo”, isto é, aquilo que seria temporariamente inconsciente, Freud teoriza sobre a existência de ideias ligadas a impulsos que possuem metas contrárias à consciência e que em razão disso são recalçadas, ou seja, são excluídas da consciência (FREUD, 1915a/2010). O autor nos fala da existência de dois tipos de inconsciente “o que é latente, mas capaz de consciência, e o reprimido, que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência” (FREUD, 1923/2011, p. 17). Nesse ensejo, o recalcado vai ser o que interessa à experiência analítica, dado que foi no e pelo rastro do recalque que Freud desenvolveu seu conceito de inconsciente. Segundo o psicanalista, “o reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente” (FREUD, 1923/2011, p. 17), sua origem é localizada no recalque e é por esse motivo que se faz necessário ir em direção à teoria do recalque para depreender as ideias que estruturam o conceito de inconsciente.

O recalque se encontra entre os destinos possíveis da pulsão, defende Freud (1915c/2010) ao argumentar que a satisfação pulsional, se não coincide com os imperativos da consciência, provoca simultaneamente prazer e desprazer, sendo a condição para o recalque a de que o “desprazer adquira um poder maior que o prazer da satisfação” (FREUD, 1915b/2010, p. 85). A ação do recalque consiste em impedir que o representante da pulsão, a ideia, se torne consciente e que o afeto a ela associado seja descarregado, causando então desprazer ao sujeito (FREUD, 1915a/2010). Para operar no sentido de “rejeitar e manter algo afastado da consciência” (1915b/2010, p. 85) é necessário que o aparelho psíquico esteja cindido em inconsciente e pré-consciente/consciente. Portanto se supõe a existência de um processo anterior ao recalque tal como definido acima, algo que institui a divisão psíquica e permite sua ação. À vista disso Freud compreende o processo de recalque a partir de três estágios ou fases, seriam elas: o recalque primordial [*Verdrängung*], o recalque secundário ou propriamente dito e o retorno do recalcado; sendo sua fase primordial [*Verdrängung*] a responsável pela emergência do inconsciente, se constituindo não somente como um mecanismo estrutural, mas também estruturante (JORGE, 2008).

A *Verdrängung* corresponde ao primeiro núcleo do recalcado e traz consigo um único mecanismo: o *contrainvestimento* (FREUD, 1915a/2010). Este corresponde a “uma defesa contra um excesso de excitação proveniente do exterior” (GARCIA-ROZA, 1985, p. 161), estando, portanto, ligado a experiências exageradamente intensas para o sujeito. O recalque primordial tem relação com a experiência original do trauma, logo, recorre-se ao Lacan (1953-54/2009) e ao Garcia-Roza (1985) a fim de esclarecer esse evento partindo da exposição que os autores fazem sobre o caso do Homem dos Lobos. Neste relato de caso, Freud revela que diante de uma situação potencialmente traumática - neste caso, ter testemunhado o coito dos pais - opera-se a inscrição psíquica, isto é, a *fixação* da cena que inicialmente não possui esse caráter. É no *a posteriori* que a cena adquire o *status* de trauma, no momento em que o sujeito se torna capaz de subjetivá-la, momento em que ingressa no universo simbólico e pode ter acesso a sua significação (GARCIA-ROZA, 1985). Ou seja, a experiência produz inicialmente o que Lacan nomeou de *efração imaginária* e o seu valor traumático só se manifesta tempos depois, no caso do Homem dos Lobos, no momento em que o paciente tem um sonho de angústia (LACAN, 1953-54/2009).

Lacan (1953-54/2009) apresenta o termo *Prägung*, utilizado por Freud, para falar da cunhagem do evento traumático originário. A *Prägung* é anterior à clivagem do aparelho psíquico, situando-se no inconsciente não-recalcado. Esse processo não pertence ao plano simbólico, “não foi integrada ao sistema verbalizado do sujeito, que ela nem mesmo atingiu a

verbalização, e nem mesmo, pode-se dizer, a significação” (LACAN, 1953-54/2009, p. 220). Segundo Lacan (1953-54/2009, p. 221), “o sujeito aprende a integrar os eventos de sua vida numa lei, num campo de significações simbólicas, num campo humano universalizante de significações”. Contudo, o evento que traz a marca do trauma é separado do “mundo simbólico” que a criança começa a integrar de forma que desse momento em diante o sujeito não o reconhecerá como sendo algo dele, “não o falará mais, não o integrará mais. Não obstante, ficará lá falado em alguma parte, se é que se pode dizer, por algo de que o sujeito não tem o controle. Será o primeiro núcleo do que chamaremos, em seguida, os seus sintomas” (LACAN, 1953-54/2009, p. 222).

Vê-se que o recalque primordial representa uma demarcação prévia do psíquico, ponto de partida para sua divisão em sistemas (GARCIA-ROZA, 1995). Dessa forma, é o responsável por instalar o mecanismo que torna possível o funcionamento do recalque neurótico, representando o primeiro “não” à pulsão que busca satisfazer-se (JORGE, 2005). O primordialmente recalcado é o polo de atração que garante a ocorrência do recalque propriamente dito, que se dá a partir da divisão psíquica. Garcia-Roza (1985, p. 174) esclarece que essa cisão não deve ser entendida como “a divisão de uma coisa em dois pedaços, mas como uma cisão de regimes, de formas, de leis”. Para Silva e Lucena (2019, p. 79):

O primeiro serve de referência ao seguinte, que surge para reafirmar sua ação, ambos agindo sob o mesmo intento: impedir a satisfação do instinto. A origem do inconsciente, portanto, pressupõe um ato primordial de repressão e seus atos subsequentes, que garantem sua existência e continuidade.

O recalque propriamente dito ou “pós-repressão” representa a sua segunda fase, a qual pressupõe a clivagem do aparelho psíquico, sendo a ação do pré-consciente sobre os derivados do recalcado, isto é, as ideias que se ligam ou são produzidas a partir do primordialmente recalcado e que por essa razão sofrem o mesmo destino que ele. Aqui destaca-se o papel do recalque primordial [*Verdrängung*] junto à ação da consciência, uma vez que “não alcançaria seu propósito se essas forças não atuassem juntas, se não houvesse algo reprimido anteriormente, disposto a acolher o que é repellido pelo consciente.” (FREUD, 1915b/2010, p. 86-87).

O recalque não impede que a ideia siga atuante no inconsciente, pelo contrário, é justamente por não estar subordinado à influência da consciência que o representante da pulsão se encontra livre para se desenvolver, realizando novas conexões e produzindo seus derivados no inconsciente. Desse modo, o recalcado permanece ativo e a cada novo desvio mais próximo de burlar a censura do Eu. Segundo Freud (1915b/2010, p. 88), quando seus derivados

se distanciaram o suficiente da representante reprimida, seja assumindo deformações, seja pelo número de elos intermediários que se interpuseram, o acesso ao consciente se torna livre para eles. É como se a resistência que o consciente lhes opõe fosse uma função do seu distanciamento do originalmente reprimido.

Enquanto mantém oposição ao recalçado, impedindo que o mesmo retorne à consciência, o recalque propriamente dito impele o inconsciente a produzir novos derivados que assumem formas distorcidas capazes de afastá-los da representação recalçada e dar-lhes passe-livre para a consciência. Os derivados representam os restos que apontam o caminho do recalçado, por conseguinte, é através daqueles que escapam à censura pré-consciente “que é possível rastrear a série que conduz ao recalçado” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 198). Sendo assim o recalque não é só responsável pela origem do inconsciente, como também garante sua perpetuação por meio dos derivados produzidos a cada nova investida.

Freud utiliza o ponto de vista topológico para descrever a passagem dos derivados do recalçado para a consciência, um processo que se desenrola em duas fases. Na primeira fase, o derivado encontra-se inconsciente e é em seguida posto em exame pela censura que determinará se ele está apto ou não a passar para a segunda fase. Caso a censura o rejeite, o derivado sofre a ação do recalque e permanece inconsciente; se aceito, entra na segunda fase e se torna capaz de consciência, isto é, pré-consciente, podendo se tornar consciente sem maiores dificuldades uma vez que “a censura rigorosa cumpre seu papel na passagem do *Ics* para o *Pcs*” (FREUD, 1915a/2010, p. 110).

Sabendo disso, Freud orienta os praticantes da psicanálise a estimular seus analisantes a produzir derivados do que nele seria o recalçado de modo a ter notícias dos seus desejos inconscientes, apontando a associação-livre como regra capaz de facilitar o exercício analítico. Para ele o recalque pode ser temporariamente suspenso, isso ocorre graças a “técnicas especiais” (FREUD, 1915b/2010, p. 89) capazes de provocar mudanças no jogo das forças psíquicas. Como dito anteriormente, o que produz desprazer também comporta em si uma moção de prazer, logo, se tais técnicas são capazes de fazer com que o representante da pulsão provoque um prazer suplementar, seu recalque é suspenso e só depois restabelecido a partir de um novo ato do recalque. Freud (1915b/2010, p. 89) revela que “essas técnicas foram estudadas com maior detalhe apenas nas *piadas*”, se referindo a técnica verbal descrita em seu texto sobre os chistes.

O recalque não constitui um ato definitivo contra o representante da pulsão, pelo contrário, para manter uma ideia recalçada faz-se necessário um constante dispêndio de energia psíquica. Todavia, se acontece a suspensão ou eliminação do recalque, obtém-se,

consequentemente, uma economia psíquica. Um derivado pode não ter o mesmo destino que o recalçado, mas para isso é preciso se manter inofensivo à consciência. Nesse sentido, Freud (1915b/2010, p. 90-91) esclarece que

a medida de ativação ou investimento decide com frequência o destino da ideia. É comum suceder que um tal derivado permaneça não reprimido enquanto representa uma energia mínima, embora o seu conteúdo fosse adequado para despertar um conflito com o que é dominante no consciente. Mas o fator quantitativo se revela decisivo para esse conflito; tão logo a ideia, no fundo repugnante, fortalece-se além de determinada medida, o conflito se torna atual, e é justamente a ativação que traz consigo a repressão.

Considerando o modo como se distribui o investimento libidinal entre os lugares psíquicos, o recalque propriamente dito recai sobre o derivado que está altamente investido de energia psíquica, pois o mesmo representaria uma ameaça à consciência. Contudo, se há uma redução do investimento libidinal, seja através da deformação ou distanciamento do recalçado, o derivado é aceito pela censura, pois já não caracteriza uma ameaça.

Ocupando-se da outra face da pulsão, Freud revela os destinos do afeto que tem seu par recalçado. Por ser o fator quantitativo da pulsão o afeto é desligado de seu representante ideativo - o qual é impelido para fora da consciência - e pode sucumbir a três diferentes destinos: ser inteiramente suprimido, desaparecendo; sofrer variações, aparecendo em partes qualitativamente distintas do afeto original; ou se converter em angústia (FREUD, 1915b/2010). Se o afeto não é suprimido pode-se dizer que o recalque fracassou, pois seu verdadeiro objetivo é impedir o desenvolvimento do afeto, ou seja, que este retorne como angústia e cause desprazer (FREUD, 1915a/2010).

É natural que o afeto seja sentido, contudo, ele pode enganar, aspecto defendido por Freud quando tenta localizá-lo em sua topologia. O afeto está sempre associado a uma ideia, mas se a ideia sofre a ação do recalque esse mesmo afeto só voltará a ser percebido ou sentido quando se ligar a uma outra ideia que seja capaz de substituir aquela que fora recalçada. Neste sentido, o afeto encontra na ideia substitutiva sua via de descarga e o sujeito passa a associar a descarga ao substituto consciente ao passo que o recalçado permanece como está. Segundo Freud (1915a/2010, p. 118), “[...] um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema *Cs*”.

A fim de esclarecer essa dinâmica inconsciente faz-se uma leitura da estruturação do sintoma fóbico de modo a demonstrar como opera o recalque na formação dos sintomas neuróticos. De acordo com Freud a formação substitutiva e o sintoma coincidem, pois ambos são ocasionados pelo recalque e constituem o retorno do recalçado, produto da ação de

mecanismos que operam no inconsciente (FREUD, 1915b/2010). Na neurose de angústia ou fobia, um impulso libidinal do sujeito em relação a um determinado objeto é sentido como desprazeroso à consciência e por esse motivo o representante do objeto é alvo do recalque. Logo, a ideia desaparece, torna-se inconsciente, o afeto é transformado em angústia e dirigido a uma outra ideia a qual mantém algum tipo de relação com a ideia recalçada, podendo ser deslocada em alguns casos para a figura de um animal que se tornará novo responsável por desencadear a angústia (FREUD, 1915b/2010).

Como exposto acima, a descarga do afeto representa o fracasso do recalque, uma vez que sua ação não impediu a emergência do desprazer. Desse modo, o neurótico inventa uma série de estratégias de fuga do objeto substituto a fim de evitar um novo desencadeamento da angústia. Segundo Freud (1915a/2010, p. 122),

A ideia substituta desempenha então para o sistema *Cs* (*Pcs*) o papel de um contrainvestimento, ao garanti-lo contra a emergência da ideia reprimida no *Cs*, e por outro lado é, ou age como se fosse, o local de partida para o desencadeamento do afeto de angústia, agora de fato não inibível.

Desse modo, o sujeito se encontra livre da ideia recalçada, contudo, permanece sendo perturbado pelo afeto, precisando lidar com a formação substitutiva que se apresenta como sintoma² fóbico. Por intermédio do “*contrainvestimento*” - que não só participa da *Verdrängung*, como também serve ao sistema *Cs* (*Pcs*) de meio para a formação de substitutos (FREUD, 1915a/2010) - o perigo que a pulsão representa foi projetado para fora do sujeito, de maneira que o “Eu se comporta como se o perigo do desenvolvimento da angústia não partisse de um impulso instintual, mas de uma percepção, o que lhe permite reagir a esse perigo externo com as tentativas de fuga das evitações fóbicas” (FREUD, 1915a/2010, p. 124).

Esclarecido o papel do recalque na constituição do inconsciente e os seus desdobramentos na vida psíquica, pode-se pensar inconsciente a partir de suas formações, uma vez que na base de cada uma delas é possível identificar a presença de tendências opostas que “lutam” por satisfação e acham expressão através de desvios capazes de burlar a censura consciente. Em outras palavras, a fim de se tornar “fenômeno”, o inconsciente perturba a

² O modo como Freud concebe o sintoma neurótico fez com que Lacan sugerisse que o mesmo seria produto de um processo metafórico inconsciente dado que o afeto retorna por meio de uma substituição significativa: o recalcado (S1) é substituído por um novo significante (S2), que surge no lugar do sintoma. De acordo com Dor (1989, p. 64), “o significante novo (sintoma) mantém uma ligação de similaridade com o significante recalcado que ele suplanta”. No entanto a ligação entre os significantes não é evidente, sua substituição já pressupõe uma tentativa de disfarce inconsciente através do processo primário e por isso exige um trabalho de decifração do analisante. A leitura lacaniana do sintoma é uma demonstração da tese do inconsciente-linguagem, a qual será abordada no capítulo seguinte.

consciência. Esta dinâmica constitui o próprio movimento do inconsciente bem como revela a estrutura de suas formações.

3.2. Os desvios do recalçado

A indestrutibilidade do desejo inconsciente e as constantes investidas do recalque vêm garantir a perpetuação do “cenário psíquico” descrito no tópico anterior. Desse modo, a insistência por satisfação pulsional mobiliza o jogo entre *Ics*, *Pcs* e *Cs*, o que mantém o inconsciente ativo produzindo formações que derivam do que no sujeito se encontra recalçado, formações capazes de burlar a barreira da censura e satisfazer a pulsão. São os desvios que o inconsciente produz que dão notícia do recalçado, de forma que, para Soler (2012, p. 19) “o inconsciente é um objeto do qual só é possível aproximar-se através de desvios, nunca por via direta”. As formações sintomáticas não são as únicas formas que o recalçado encontra para se manifestar na consciência, podendo assumir a forma de sonhos, lapsos, atos falhos e chistes, fenômenos que com o auxílio do processo primário podem alcançar a consciência. As formações do inconsciente representam o retorno do recalçado que sempre se manifesta “de forma deformada, distorcida, e não como retorno do ‘mesmo’, do idêntico” (GARCIA-ROZA, 1995, p. 205).

Freud descobre que todas as formações do inconsciente possuem uma característica em comum: a ocultação e disfarce do seu sentido como resultado da ação da censura. Se tomarmos o sonho como exemplo, seu conteúdo manifesto carrega uma riqueza de significações que nos são imediatamente inacessíveis. Logo, as realidades inconscientes não podem ser senão imediatamente dadas, tal como afirma Adorno (2018). A atribuição de um sentido a todas as manifestações do inconsciente é um princípio freudiano do qual se estabelece a diferença da Psicanálise em relação à Psiquiatria e a Psicologia Experimental, visto que estas últimas se ocupavam exclusivamente das realidades imediatamente dadas, sem no entanto supor que estas realidades são determinadas por leis que atuam na psique.

Portanto, a fim de explicitar a estrutura do inconsciente freudiano lança-se mão do texto *O conhecimento do inconsciente e o método psicanalítico* de Adorno (2018), no qual o filósofo faz um exame das *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1916-1917) argumentando que o conhecimento do inconsciente é idêntico à tarefa de conhecê-lo. Ou seja, o método pelo qual Freud explica a dinâmica do inconsciente e a estrutura de suas formações não é senão o movimento mesmo do inconsciente. Logo, não é necessário se valer de um método estrangeiro

para examiná-lo visto que o próprio inconsciente fornece o seu método ao qual constitui o seu funcionamento mesmo.

Os atos falhos, sonhos e sintomas neuróticos representam pontos de partida para o conhecimento do inconsciente. Em razão disso, Adorno (2018) parte dos atos falhos para demonstrar o modo como opera o inconsciente na vida de vigília, sabendo que esse *modus operandi* se estende a todas as outras formações. Para a psicanálise os atos falhos constituem atos psíquicos que formam um grupo de fenômenos, tais como: os lapsos de fala, de leitura e de escuta, bem como os fenômenos que envolvem o esquecimento (momentâneo) de nomes ou intenções e a perda de objetos (ADORNO, 2018). Diferente da leitura que habitualmente se faz de tais atos, esses fenômenos não são em nada contingentes, mas determinados por leis que o método psicanalítico supõe como inconscientes.

O autor afirma que o sentido do ato falho está no fundamento de sua ocorrência, todavia é por uma aparente falta de sentido que o ato falho se apresenta, o que impossibilita sua compreensão. A fim de revelar esse sentido Freud não parte da intenção consciente, isto é, daquilo que se pretendia dizer, mas do porquê algo atropela essa intenção e surge em seu lugar. O psicanalista reconhece, no momento em que ocorre o ato falho, a interferência de uma outra intenção responsável por perturbar a intenção consciente. Neste sentido, Freud supõe a existência de duas intenções, uma “perturbada”, que corresponde à intenção consciente; e uma “perturbadora”, a qual se revela inconsciente (ADORNO, 2018).

Segundo Adorno (2018, p. 339), “Freud esperava fornecer a fundamentação universal daquela interferência”, pois entendia que não somente a intenção perturbada era um propósito - uma vez que se pretendia dizer ou escrever algo -, mas que a intenção perturbadora também consiste em um propósito. A compreensão psicanalítica do conceito de intenção revela a concepção dinâmica do aparelho psíquico. De acordo com Freud (1916-1917, p. 58 apud ADORNO, 2018, p. 340), a psicanálise não pretende

‘[...] descrever e classificar os fenômenos, mas sim concebê-los como índice de um jogo de forças da alma, como expressão de tendências que visam a um fim, que trabalham em conjunto ou de forma contrária. Nós nos esforçamos por uma *concepção dinâmica* dos fenômenos anímicos’.

A investigação freudiana dos atos falhos busca identificar e reunir as características comuns a todas as tendências perturbadoras, de modo a definir uma lei que abarca todos os casos de ato falho. Se valendo dos lapsos de fala, Freud expõe o mecanismo implicado nestes fenômenos afirmando inicialmente que a tendência perturbadora se encontra “represada”, isto é, recalçada - sendo essa uma condição indispensável para a ocorrência de um lapso -, de

maneira que aquele que se põe a falar não pretende transpô-la em seu dito. No entanto, ao se cometer um lapso a tendência que estava retida consegue um meio de expressão, seja pela modificação do que se pretendia dizer ou ao se pôr imediatamente em seu lugar (FREUD, 1916-1917 apud ADORNO, 2018). Tal constatação é tomada por Freud como uma lei, a partir da qual podemos compreender a alteração das coisas anímicas. Para Freud (1916-1917, p. 56 apud ADORNO, 2018, p. 343),

‘sabemos não apenas que [os atos falhos] são atos anímicos, em que se podem reconhecer um sentido e um propósito, não apenas que eles surgem pela interferência de duas intenções distintas, mas também, além disso, que uma dessas intenções precisa ter passado por um certo represamento de sua explicitação, para poder se exprimir através da perturbação da outra’.

Desse modo, Adorno (2018) reconhece que o método psicanalítico de investigação do inconsciente não difere em nada do mecanismo próprio do inconsciente. Ou seja, Freud nos fornece o método que conduz ao conhecimento do inconsciente a partir da apresentação do seu mecanismo, logo é o próprio inconsciente que indica como se deve investigá-lo, uma vez que “a forma de conhecimento do inconsciente é idêntica à forma do inconsciente em si” (ADORNO, 2018, p. 345). Se conhecemos o inconsciente a partir de suas formações, o modo como se estrutura essas formações - o seu mecanismo de produção - é o inconsciente em si; é ele quem dita como deve ser compreendido, revelando sua metodologia a partir das leis que o constituem.

A dinâmica psíquica postulada por Freud, longe de constituir uma pressuposição dogmática, se mostra uma teoria construída para elucidar os fenômenos anímicos, afirma Adorno (2018). As leis que operam no inconsciente e que estão na base de seus “fenômenos” são qualificadas como primárias: a condensação e o deslocamento. Neste sentido, se faz necessário analisar o movimento pelo qual a pulsão insiste em satisfazer-se através das formações do inconsciente, pois são elas que dão sustentação à hipótese do inconsciente e nos permite ter acesso a ele. Para apreender o trabalho do processo primário no inconsciente faremos o exame das “técnicas” identificadas por Freud em seu trabalho sobre o chiste, as quais evidenciam a relação entre o chiste e o inconsciente.

3.2.1. As técnicas do chiste

Cinco anos após a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud dá continuidade à sua investigação sobre o inconsciente indo em direção ao chiste. Nesse sentido Jorge (2008) destaca um fato que parece ter marcado a escolha de Freud pelo tema. Segundo o

autor, Freud teria enviado um manuscrito de *A interpretação dos sonhos* para W. Fliess durante o outono de 1899. Como resposta, Fliess aponta que os sonhos que compunham o escrito de Freud estavam repletos de chistes. De acordo com Jorge (2008) esse comentário serviu a Freud como uma verdadeira interpretação de seu trabalho, levando-o a investigar as semelhanças entre o sonho e o chiste.

Freud (1905/2017, p. 255) concebe o chiste como “a mais social de todas as funções psíquicas que visam o prazer”, uma vez que sua efetivação depende de um terceiro, ponto que virá a ser discutido mais adiante e no capítulo seguinte. Em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/2017) descreve o chiste a partir dos diferentes modos pelos quais ocorre sua manifestação. A grosso modo, o chiste seria uma formação do inconsciente que “brinca” com as palavras, podendo causar tanto no ouvinte, quanto em quem o produz, estranheza, estupefação e, finalmente, prazer em forma de riso, efeito da extração de sentido presente no absurdo pelo qual o chiste se apresenta.

O caráter plástico das palavras permite a emergência do chiste e sua elaboração se dá por meio da “técnica verbal”. Esta faz com que o pensamento por trás do chiste seja disfarçado e/ou apresentado de modo absurdo para, em seguida, se revelar pleno de sentido (FREUD, 1905/2017). Esse disfarce pode vir sob a forma de “condensação com formação substitutiva”, do “uso múltiplo do mesmo material” ou de um “desvio no curso do pensamento”, dentre outras técnicas (FREUD, 1905/2017). A técnica verbal pode se servir tanto da similaridade homofônica quanto das aproximações semânticas. Quando se trata dos jogos de palavras, Freud (1905/2017) afirma que essa técnica se apoia na sonoridade da palavra, dando ênfase à representação sonora em detrimento do significado da palavra, o que permite a passagem de uma cadeia de ideias a outra mediante o uso da mesma palavra ou de palavras semelhantes.

Freud (1905/2017) indica diferentes aspectos do chiste na busca de definir e descrever esse fenômeno, apontando especialmente para três deles: o “contraste das representações”, a “estupefação e aclaramento” e o “sentido no absurdo”. O primeiro apresenta o chiste como uma união arbitrária entre representações contrárias, palavras que ao se associarem provocam um contraste. Tal contradição pode estar localizada entre o significado e a falta de significado das palavras e nesse sentido o contraste surge quando atribuímos um significado não usual à palavra. Assim, o que outrora era pleno de sentido agora se apresenta esvaziado dele, sendo essa passagem para a completa falta de sentido que motivaria o riso. Dito de outro modo, o processo cômico ocorre quando conferimos um sentido a um enunciado que, seguindo a lógica do nosso pensamento, sabemos que não lhe pertence (FREUD, 1905/2017).

A segunda característica do chiste, a sequência de “estupefação e aclaramento”, é elucidada a partir do famoso chiste do *famillionário* de Heinrich Heine. No chiste, um “pobre agente de loteria Hirsch-Hyacinth, se gaba de ter sido tratado pelo grande barão de Rothschild como um semelhante, de modo inteiramente familionário” (FREUD, 1905/2017, p. 21). A palavra *famillionário* que inicialmente aparece de modo incompreensível, como um equívoco da linguagem, provoca estranheza e espanto. A palavra em si mesma não é chistosa, o efeito do riso se dá com o fim da estupefação e a sua compreensão, ou seja, o chiste se estabelece quando o espanto se desfaz a partir da compreensão da palavra, do alcance do seu sentido (FREUD, 1905/2017).

Partindo desse mesmo chiste, Freud busca determinar a sua técnica. Percebe em sua análise que o caráter chistoso do familionário não reside no pensamento que está por trás do enunciado, mas nas palavras que o exprimem, uma vez que não haveria chiste caso esse mesmo pensamento fosse expresso de outra maneira. O teórico revela o pensamento por trás do chiste: “R. me tratou como um semelhante, de modo bem familiar, isto é, até onde um milionário é capaz de fazê-lo” (FREUD, 1905/2017, p. 30), cuja à tradução não produz comicidade. Logo, para que o riso se fizesse presente era necessário que a palavra familiar fosse transformada em *famillionário*, sendo a união entre duas palavras a responsável pelo efeito chistoso.

A respeito do trabalho do chiste, Freud (1905/2017) supõe uma força de compressão que atua sobre essas frases. Deduz que o ocultamento da segunda frase denota que ela é por alguma razão a menos resistente, sendo por esse motivo forçada a desaparecer. Contudo, o seu elemento mais significativo, a palavra milionário, consegue resistir à pressão e se liga a um elemento da primeira frase, a palavra familiar. Com isso, Freud (1905/2017) denomina essa técnica de *condensação com formação substitutiva*, isto é, a formação de uma palavra composta por meio da condensação de dois elementos.

Freud (1905/2017) afirma que em outros exemplos de chiste, nos quais podemos supor o processo de condensação, o elemento suprimido pode não aparecer através de uma palavra composta, mas em outra espécie de modificação da expressão, denominando esse processo de *condensação com ligeira modificação*. Em seguida, expõe um exemplo dessa modalidade de chiste: em uma conversa sobre um sujeito de muitas virtudes, mas também de muitos defeitos, o sr. N. diz: “Sim, a vaidade é um dos seus quatro calcanhares de Aquiles” (FREUD, 1905/2017, p. 40). Nesse sentido, a ligeira modificação se encontra no detalhe de que ao invés de um calcanhar de Aquiles, o sr. N. fala de quatro, ou seja, um quadrúpede, o que só seria possível verificar em um animal. Logo, os pensamentos condensados no chiste seriam: “Y é

um homem excepcional, a não ser pela vaidade; mas, ainda assim, não gosto dele; ele está mais para um animal do que para um homem” (FREUD, 1905/2017, p. 40).

Dando seguimento a sua análise do chiste, Freud (1905/2017) esbarra em chistes que não se limitam à técnica de condensação e utilizam de outras artimanhas para ocultar e expressar sentidos. Outra técnica se apoia na sonoridade das palavras e manifesta-se por meio de uma palavra que aparece de dois modos, primeiro como um todo e depois de modo fragmentado, decomposta em sílabas. Essa modalidade é demonstrada por meio de um chiste dirigido a Napoleão Bonaparte. Durante um baile, o imperador se aproxima de uma jovem italiana e dispara: “Todos os italianos dançam mal” (FREUD, 1905/2017, p. 48), e ela o responde prontamente: “Não todos, mas boa parte” (FREUD, 1905/2017, p. 48). De imediato percebemos a semelhança entre *buona parte* e *Bonaparte*. A palavra é usada duas vezes, uma por inteiro e a outra decomposta em suas sílabas, lhe conferindo um outro sentido que faz dela um chiste.

Freud dá ênfase ao caráter plástico das palavras e apresenta outras técnicas de chistes, como o “uso múltiplo do mesmo material”. Isto é, partindo do mesmo material pode-se estabelecer relações entre o todo e a parte ou uma reordenação do conteúdo, invertendo duas expressões ou ainda fazendo ligeiras modificações. Esse grupo de chistes pode ser classificado como expressões do processo de condensação, mas sem a formação substitutiva. Para exemplificar, o autor apresenta um grupo de chistes de “duplo sentido” e se dedica à exposição dessa técnica ao destrinchar suas variações, como o duplo sentido de sentenças que apresentam um significado metafórico e outro concreto; o duplo sentido com alusão, a ambiguidade e o jogo de palavras.

Com isso, o autor demonstra que esses modos de “brincar” com as palavras, além de incitar o riso, amplia a significação, tendo seu efeito interrompido no momento em que abandonamos o uso dessas técnicas. Diante dessa diversidade de técnicas, o psicanalista deseja encontrar uma unidade que represente todas elas, indicando uma “tendência à economia” como sendo a característica mais geral do chiste. Através de uma condensação ou de uma ligeira modificação, por exemplo, nos poupamos de expressar uma crítica ou de elaborar um juízo (FREUD, 1905/2017).

Em seguida, Freud apresenta uma série de chistes cuja modalidade técnica se diferencia daquelas citadas anteriormente. Trata-se de um desvio, um deslocamento da ênfase ou da lógica do pensamento o qual promove uma mudança em seu curso. Logo, o desvio se dá na passagem da ênfase de um pensamento para outro. Diferente do chiste verbal, o chiste de deslocamento não depende da palavra, mas do curso do pensamento. Um dos chistes que Freud usa para exemplificar essa técnica conta com:

Um homem pobre tomou 25 florins emprestados de um conhecido rico, queixando-se de suas condições difíceis. No mesmo dia, o benfeitor o encontra no restaurante diante de um prato de salmão com maionese. E o repreende: ‘Como? Você tomou meu dinheiro emprestado e vem pedir salmão com maionese? Foi nisso que você usou o meu dinheiro?’. ‘Eu não entendo você’, responde o devedor, ‘se eu não tenho dinheiro, não posso comer salmão com maionese; se tenho dinheiro, não devo comer salmão com maionese? quando é, então, que vou começar uma com maionese?’ (FREUD, 1905/2017, p. 74).

Segundo Perez (2017) o deslocamento utiliza a sequência de pensamentos que o ouvinte pressupõe ser a mais lógica, uma vez que segue uma certa cadeia de raciocínio e a subverte introduzindo um desvio, um novo sentido que rompe a cadeia anterior e provoca o riso. Portanto, o trabalho do chiste faz uso dos desvios de pensamento, ou seja, dos deslocamentos para atingir o efeito chistoso. Além disso, Freud (1905/2017) afirma que erros de raciocínio podem chegar a produzir o mesmo efeito. O autor finaliza o capítulo sobre a técnica do chiste apontando um fato de sua análise: as técnicas do chiste também fazem parte do trabalho do sonho, ou seja, as formações oníricas se utilizam dos mesmos processos, a saber, a condensação e o deslocamento, para transformar os pensamentos latentes do sonho em conteúdo manifesto. Freud, então, se propôs a demonstrar tal congruência entre as formações, investigando o modo como uma ideia consciente é perturbada por conteúdos inconscientes através dos mecanismos do processo primário e o prazer envolvido nesta dinâmica psíquica.

3.2.2. A relação do chiste com o inconsciente

Após a exposição da técnica do chiste, Freud (1905/2017) busca estabelecer sua relação com o inconsciente explorando inicialmente as tendências que permeiam as produções chistosas. Afirma que o prazer que temos diante de um bom chiste seria resultado da impressão de que o seu conteúdo - o pensamento que se encontra oculto - e a sua roupagem chistosa desperta em nós. Divide os chistes em dois grupos: os “tendenciosos” e os considerados “inofensivos”. Os tendenciosos, como o próprio nome indica, obedecem a certas tendências, como as sexuais e as hostis. Já os ditos inofensivos incluem os jogos de palavras capazes de nos aproximar mais da estrutura original do chiste, podendo alcançar expressões valiosas (FREUD, 1905/2017).

Posto isto, Freud (1905/2017) parte para os efeitos do chiste, alegando que os seus recursos técnicos têm o potencial de causar no ouvinte uma sensação de prazer. Segundo o psicanalista, o prazer evocado pelo chiste inofensivo é na maioria dos casos moderado, tendo o poder de despertar naquele que o ouve um leve riso; enquanto o chiste tendencioso incita uma súbita explosão de riso, o que o torna tão atraente, fazendo com que se suponha que o chiste

tendencioso dispõe de fontes de prazer inacessíveis ao chiste inofensivo. Defende, portanto, que o chiste quando não é inofensivo, serve a duas tendências: uma hostil, que faz uso da agressão, da sátira e da defesa; e uma obscena, que se serve do desnudamento, seu prazer resulta da queda do véu que encobre o sexual (FREUD, 1905/2017).

Freud (1905/2017) explica que o chiste tendencioso precisa geralmente de três pessoas: aquela que produz o chiste, outra que é eleita como o alvo do ataque hostil ou sexual e uma terceira a quem o chiste desperta prazer, uma vez que quem desfruta do chiste não é aquele que conta, mas aquele que ouve. O ato do chiste obsceno é descrito da seguinte maneira: uma pessoa dirige um impulso sexual a uma segunda, mas não encontra satisfação nesta, ou seja, a segunda o inibe, gerando na primeira uma tendência hostil contra ela. Aquele que produz o chiste convoca uma terceira para aliar-se a ele e, com as palavras de baixo calão dirigidas à segunda pessoa, a desnuda perante a terceira que, agora como ouvinte, é subornada pela satisfação de sua libido mediante o riso (FREUD, 1905/2017).

Diante dessa cena, Freud (1905/2017) explica que a piada de baixo calão se torna chistosa a fim de ser tolerada socialmente. O chiste permite a satisfação de uma pulsão, seja ela sexual ou hostil, e alcança o prazer ao driblar o obstáculo que barra a própria geração de prazer. Esse obstáculo advém da incapacidade dos seres humanos de suportar o que é francamente sexual. O psicanalista atribui ao recalque o poder de barrar esse modo de gozar da verdadeira obscenidade e responsabiliza à cultura pelo desenvolvimento do recalque e pela perda das possibilidades primárias de prazer que, graças a esse processo psíquico e a sua censura, repudiamos em nós. No entanto, o chiste tendencioso surge como um meio de reverter a renúncia e recuperar o que se perdeu (FREUD, 1905/2017).

O mesmo ocorre com as tendências hostis de forma que seus impulsos são igualmente reprimidos pela instância civilizatória, sendo tolhidos desde a infância do mesmo modo que os impulsos sexuais. Freud (1905/2017) afirma que a hostilidade, proibida por lei, foi substituída pela censura das palavras. Logo, no momento em que somos impelidos a evitar o ataque hostil ao inimigo, desenvolvemos uma técnica de insulto que objetiva colocar um terceiro contra ele e, com isso, torná-lo um ser desprezível. Coloca-se o outro no lugar de inferioridade ou de chacota através de um chiste hostil. Dessa forma, obtém-se por via indireta o prazer de subjugar o inimigo na espera de que o terceiro confirme a sujeição através do riso. Assim, o chiste possibilita constatar algo de ridículo no inimigo, o que não poderia ser expresso abertamente ou conscientemente devido às barreiras da repressão.

Abordadas as fontes de prazer do chiste, Freud (1905/2017) vai em direção à psicogênese do chiste e localiza dois estágios que antecedem sua manifestação: o jogo e o

gracejo. O jogo se manifesta na infância e corresponde a esse primeiro contato com as palavras, a exemplo do balbúcio. Como um ser de linguagem, a criança é naturalmente impelida a exercitar suas capacidades linguísticas e nesse “brincar” com as palavras acaba por encontrar prazer na semelhança sonora, na repetição, no reencontro com o conhecido. Esse seria o primeiro estágio do chiste. O jogo com as palavras se encerra com o advento e o fortalecimento da racionalidade. Como consequência, esse modo de tratar as palavras e o pensamento passa a ser considerado absurdo ou sem sentido e é descartado pela crítica racional (FREUD, 1905/2017).

O segundo estágio que precede a formação do chiste, denominado gracejo, consiste simultaneamente na obtenção de prazer através do jogo com as palavras e no silenciamento da objeção crítica. Freud (1905/2017) pontua que esse fim só é alcançado se o sujeito encontra um sentido no absurdo, ou seja, se ele consegue articular um sentido a esse jogo que produz palavras e pensamentos fora do sentido usual. Revela ainda que os recursos técnicos do chiste já estão presentes no gracejo e declara que o que diferencia o chiste do gracejo é fato de o último ter como única finalidade expressar o pensamento rejeitado pela crítica. Isto é, sua satisfação gira em torno de tornar explícito, não importa como, o que fora proibido pela crítica, sendo uma manifestação consciente de oposição a ela. Já o chiste opera a partir da garantia dos recursos que asseguram o ganho de prazer e que se posicionam contra a objeção crítica que busca suprimi-lo. Ou seja, o trabalho do chiste depende das técnicas que permitem driblar a censura crítica e realizar a tendência recalcada e, portanto, inconsciente. Para Freud, o chiste é uma manifestação de resistência à crítica em que se escolhe o “material verbal e situações mentais que permitem que o antigo jogo com as palavras e pensamentos resista à prova da crítica” (FREUD, 1905/2017, p. 186).

Ao identificar que a revelação do sentido no absurdo é geradora de prazer, Freud (1905/2017) se propõe a explicar como esse efeito ocorre no sujeito que escuta a produção chistosa. No entanto, aponta que para chegar a esse entendimento é necessário compreender as funções que o chiste opera na vida psíquica daquele que o emite. O autor afirma que o processo psíquico desencadeado pelo chiste no ouvinte é geralmente modelado com base no processo que se dá no seu criador (FREUD, 1905/2017). A barreira que dificulta a apreensão do sentido no chiste corresponde a uma inibição interna do sujeito que o produz. Entre os diferentes tipos de inibição, Freud (1905/2017) destaca aquela que corresponde ao recalque e volta a declarar que o chiste tendencioso busca liberar o prazer que está submetido a esse processo por meio de sua suspensão.

O sujeito que produz o chiste não se contenta em tê-lo para si e vai em busca do reconhecimento de um outro, visto que a presença deste “terceiro” a quem o chiste é transmitido é o que concede o “caráter social” à esta formação do inconsciente. Freud, por conseguinte, ratifica a visão econômica do chiste ao afirmar que o riso é efeito da descarga de energia psíquica que até então era destinado à inibição de determinadas representações. Neste sentido, o efeito prazeroso do chiste está relacionado à suspensão do investimento que atua como força inibidora. Logo, o ouvinte ri, pois ao escutar o chiste, vê o retorno das representações inibidas no seu interior. Ou seja, existem forças psíquicas que se contrapõem a essas representações, forças que teriam de ser superadas - assim como ocorreu com aquele que o emitiu - para produzir algo semelhante ao chiste do qual o ouvinte teve acesso. Com isso, o ouvinte obtém uma economia de gasto psíquico e, conseqüentemente, prazer, que é distinto da economia e do prazer obtidos por aquele que produziu o chiste e não consegue desfrutar sozinho deste (FREUD, 1905/2017).

O psicanalista dá seguimento a sua investigação buscando desvendar as condições subjetivas envolvidas na formação do chiste. Para tanto, cita os chistes sobre judeus a fim de afirmar a tese de que o chiste, de um modo geral, envolve a história pessoal de quem o emite, uma vez que esse grupo de chistes é frequentemente produzido e difundido pelos próprios judeus (FREUD, 1905/2017). Segundo Roudinesco (2016), os chistes que envolviam a comunidade judaica revelavam de uma forma espirituosa os problemas que a mesma enfrentava com o antissemitismo na Europa Central. Freud (1905/2017) afirma que o chiste funciona como um desvio que vem tornar possível a manifestação da crítica ou da agressão que o criador não consegue expressar por outras vias.

Neste sentido, os mecanismos implicados no chiste servem para driblar a censura, assim como nas demais formações do inconsciente. Portanto, as técnicas verbais representam uma forma de subverter a racionalidade, as normas sociais e a linguagem enquanto código. O principal alvo do chiste não constitui a pessoa da qual seu autor se refere, mas as normas civilizatórias que minam os prazeres humanos. Aquele que produz o chiste se direciona a um terceiro, na tentativa de que este acolha o seu dito e o legitime com o riso; o prazer daí extraído vem compensar a quebra das normas socialmente estabelecidas. Para Freud (1905/2017), o chiste representa uma rebelião contra a autoridade que vem promover a libertação da pressão por ela exercida, desse modo, o chiste vem manifestar que os desejos humanos merecem voz tanto quanto a moral civilizatória.

Na terceira e última parte do texto sobre o chiste, Freud (1905/2017) estabelece a relação do chiste com o sonho e o inconsciente. Assinala a semelhança entre o trabalho do chiste e o

trabalho do sonho destacando que grande parte dos recursos técnicos que ele expôs até aqui são comuns às duas formações. Assim, Freud se propõe a rever e marcar o que há de essencial entre elas. Inicia sua explanação a respeito do sonho, afirmando que o nosso conhecimento sobre a vida onírica deriva dos fragmentos do sonho que ficam na memória, partes do que Freud denomina de conteúdo manifesto do sonho. Explica que esse conteúdo que nos é revelado durante o sono na maioria das vezes se apresenta absurdo, confuso ou estranho à consciência. Por esse motivo, há dificuldades em identificar sua origem e seu sentido.

Contudo, o psicanalista esclarece que esse teor estranho que aparece no conteúdo manifesto do sonho nada mais é do que uma tradução distorcida de determinadas ideias psíquicas, os chamados pensamentos latentes do sonho, que podem ser alcançados através do método de interpretação proposto pelo autor. Afirma ainda que o trabalho do sonho se encontra na passagem dos pensamentos latentes ao conteúdo manifesto e diz respeito aos processos envolvidos nessa transição, a condensação e o deslocamento, responsáveis por burlar a censura pré-consciente e tornar possível a realização de desejos inconscientes na vida onírica (FREUD, 1905/2017).

Freud (1905/2017) considera que seus estudos sobre os sonhos foram indispensáveis para a sua compreensão do chiste, pois, retomando sua investigação acerca da elaboração onírica, foi capaz de reconhecer processos que estão implicados do mesmo modo na formação do chiste. Outra característica do chiste que o aproxima do sonho é que ambos não são concebidos previamente, no sentido de algo que formulamos de modo voluntário. Freud (1905/2017) pontua que o chiste nos ocorre espontaneamente, surgindo de maneira inesperada no curso do pensamento, o que faz o psicanalista supor que o mesmo seja uma produção do inconsciente. O chiste, tal como o sonho, é um compromisso entre forças conflitantes: a crítica racional e o impulso que se nega a renunciar o prazer, sempre infantil, encontrado nas palavras.

Com a exposição sobre as técnicas verbais que fundamentam o chiste, fica claro que não temos acesso direto ao desejo inconsciente. O sonho, o chiste e as outras formações do inconsciente carregam apenas indícios da existência do desejo, evidenciados através dos modos como ele insiste em se apresentar, mesmo diante dos disfarces. Quinet (2000) ratifica que o desejo não pode ser nomeado, podendo ser no máximo inferido. “O inconsciente trabalhador, [...] produtor das formações do inconsciente, do sonho ao sintoma, tem por empreendedor um desejo que vai se realizando nessas formações, isto é, que está em posição de causa do falar do inconsciente”, expõe Soler (2012, p. 55). É isso que a psicanálise apresenta, o inconsciente neurótico fala do e para o sujeito e falando o aproxima de um desejo relegado ao esquecimento

que longe de se fazer esquecer, presentifica-se a cada novo desvio, caminhos que somente a experiência analítica é capaz de nos revelar.

3.3. Um novo passo em direção ao inconsciente³

Ao longo da obra freudiana o conceito de inconsciente ganha novos contornos, o que leva Garcia-Roza (1995) a considerar duas etapas do seu desenvolvimento: dos textos inaugurais até os escritos de 1915, em que Freud define o inconsciente a partir do ponto de vista tópico; aos textos contemporâneos à proposição da segunda tópica, fase em que o psicanalista privilegia a relação do inconsciente e as pulsões⁴. Em seu texto *O eu e o id*, Freud (1923/2011) dá continuidade ao curso de pensamento iniciado em 1920, com a sua obra *Além do princípio do prazer*, acerca de deduções teóricas extraídas da experiência clínica. No entanto, antes de apresentar suas novas considerações sobre a dinamicidade da vida psíquica, o psicanalista retoma os conceitos postos em obras anteriores, revisitando sua primeira topografia e pontuando que a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente se apresenta como “premissa básica da psicanálise” (FREUD, 1923/2011, P. 15), uma vez que essa separação favoreceu à compreensão dos processos psicopatológicos e a sua inscrição no campo das ciências.

No entanto, admite que essas diferenciações são insuficientes, já que instâncias antes associadas à consciência revelam um componente inconsciente, o que vem afetar a precisão de tal distinção. Com isso, inaugura a segunda tópica do aparelho psíquico introduzindo o conceito de Eu e revelando sua ambivalência. Freud qualifica o Eu como “uma organização coerente dos processos psíquicos” (FREUD, 1923/2011, p. 20) a qual mantém uma estreita relação com a consciência e atua junto ao recalque na censura de tendências e conteúdos inconscientes. O autor observa em sua prática que o Eu resiste em ocupar-se do reprimido, todavia, o analisante não reconhece a postura “defensiva” que assume na cena analítica. Logo, a resistência parece se situar no campo do inconsciente, o que leva Freud a reconhecer que há algo de inconsciente⁵

³ Apesar do trabalho em questão abordar o inconsciente a partir das suas formações e Freud, na obra *O Eu e o Id*, ter trabalhado outra linha do seu desenvolvimento, torna-se interessante falar do inconsciente tendo em vista a metodologia utilizada por Lacan no Seminário 5, no qual parte das formações do inconsciente e nelas se estende até a estruturação do Édipo com o advento da metáfora paterna.

⁴ O que não significa que a primeira tópica tenha sido ultrapassada com a chegada da segunda topologia, esses dois modos de conceber a dinâmica do aparato psíquico coexistem e se complementam.

⁵ Assim como nem todo o inconsciente corresponde ao recalque, mesmo que todo recalque seja em si inconsciente. A parte do Eu que Freud afirma ser inconsciente não o é em seu sentido latente - caso fosse, poderia se tornar consciente -, mas se comporta tal como o recalque, sem, ao mesmo tempo, sê-lo. Freud se vê, portanto, obrigado “a instituir um terceiro ics” (FREUD, 1923/2011, p.22), um inconsciente que não corresponde ao

no Eu que se comporta de modo similar ao recalcado e exerce poderosos efeitos sem, no entanto, tornar-se consciente. Isso justifica a necessidade de introduzir uma nova topologia, pois a diferenciação entre inconsciente, pré-consciente e consciente já não daria conta dessa dualidade própria do Eu. Portanto, partiu-se de uma compreensão dinâmica, em que a neurose é entendida como resultado de um conflito entre consciente e inconsciente para uma compreensão estrutural a qual revela uma outra oposição: “o Eu coerente e aquilo reprimido que dele se separou” (FREUD, 1923/2011, p. 21).

Ao destituir o Eu do lugar de senhor de sua própria casa (FREUD, 1917/2010), Freud (1923/2011) acentua o caráter passivo com que o Eu atua sobre a vida psíquica. Recorrendo à Georg Groddeck, o psicanalista afirma que somos “vividos” por forças desconhecidas e incontrolláveis, tais forças são atribuídas à outra instância da psique nomeada de Id. Nesse sentido, “um indivíduo é então, para nós, um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcs, seu núcleo” (FREUD, 1923/2011, p. 30). Desse modo, o Eu é a parte do Id modificada pela influência do meio externo que se ocupa em realizar a mediação entre o Id e a realidade, impondo o princípio da realidade sobre o princípio do prazer, vigente no Id. Garcia-Roza (1995) sublinha que o Id é inconsciente, mas o inconsciente não é o Id.

Ao passo que o Eu é constituído por gradações, Freud (1923/2011) aponta para uma parte que provém do seu interior, denominada de “Ideal do Eu” ou “Supereu”. A fim de facilitar a compreensão sobre a sua origem, o autor se volta para a Melancolia, afecção que se estabelece a partir da introjeção de um objeto perdido no Eu do melancólico⁶, o que acarreta sua alteração, isto é, a substituição de um investimento objetal por uma identificação ao objeto (FREUD, 1923/2011). Partindo desse dado, supõe que o Eu represente um precipitado de investimentos libidinais abandonados no qual se encontram as histórias das escolhas objetais do sujeito. Ou seja, o Eu se constitui a partir de identificações que o *infans* estabelece com seus primeiros objetos de amor, aos quais ele rejeita para, em seguida, acolhê-los no próprio Eu. Freud (1923/2011) expõe esses argumentos a fim de declarar que o Ideal do Eu seria produto de uma identificação primordial, identificação com o mais antigo investimento objetal, referindo-se ao

recalcado nem tampouco ao que está em estado de latência, mas um inconsciente que age e produz efeitos a partir do Eu.

⁶ A resposta do melancólico diante da perda de um objeto estimado é a identificação ao que foi perdido. Segundo Freud, “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (FREUD, 1917/2017, p. 107), ou seja, o Eu acolhe o objeto em si mesmo. A melancolia se caracteriza como uma neurose narcísica, marcada por um conflito entre o Supereu e a parte do Eu que foi modificada pelo processo de identificação ao objeto perdido (FREUD, 1917/2017).

pai da pré-história pessoal do sujeito. A explicação para a origem dessa identificação está no Complexo de Édipo, uma vez que é na relação com o par parental que o sujeito se funda (FREUD, 1923/2011).

Freud (1923/2011) reconhece que a criança, ao longo desse drama estruturante, apresenta sentimentos ambivalentes para com o par genitor. Ao considerar a natureza triangular em que a trama edípica se desenrola e o caráter bissexual do *infans*, vê-se que a criança rivaliza com um dos pais enquanto toma o outro como objeto de amor. Frente à impossibilidade do incesto, esses sentimentos de amor e ódio pelos pais terminam por se transformar em uma identificação com um dos genitores. O psicanalista aponta que o resultado ordinário da fase sexual é uma alteração no Eu, que consiste no estabelecimento dessas identificações, gerando mudanças que findam no surgimento do Supereu (FREUD, 1923/2011).

Assim, o Supereu se apresenta como herdeiro do Complexo de Édipo, pois conserva em si o caráter que lhe foi dado em sua origem no complexo paterno, ou seja, a capacidade de confrontar o Eu e dominá-lo (FREUD, 1923/2011). Freud pontua que assim como a criança era coagida a obedecer aos pais, o Eu submete-se ao imperativo categórico do seu Supereu. Esclarece também que quanto mais intenso foi o complexo de Édipo, mais severo se apresenta o supereu, que dominará o Eu a partir de uma potente consciência moral, exercendo imposições e censuras, ocasionando, igualmente, um forte sentimento de culpa (FREUD, 1923/2011).

Com sua segunda topografia, Freud dá um passo a mais na compreensão do inconsciente, pois vai além da concepção de conflito entre instâncias esclarecendo a dualidade própria do Eu que não é todo consciente, mas também inconsciente. Responde, portanto, às duas instâncias e é produto das relações objetais experimentadas pelo sujeito. Desde *A interpretação dos sonhos* Freud (1900/2017) já afirmava que o âmago da psique é constituído por moções de desejos inconscientes, indicando que há um determinismo inconsciente na psique, pois tudo partiria do processo primário inconsciente.

Como exposto no capítulo anterior, aos olhos de Lacan a psicanálise pós-freudiana teria se distanciado da experiência inaugurada por Freud. Entre os seus contemporâneos havia aqueles que privilegiavam a noção de “Eu” e compreendiam a psicanálise como um trabalho que deveria provocar a sua adaptação à realidade. Em razão disto Lacan anuncia o seu retorno a Freud numa tentativa de restabelecer aquilo que o criador da psicanálise defendeu como sendo a experiência analítica, uma experiência que privilegia o discurso. O capítulo seguinte analisa, na perspectiva do retorno a Freud, as formações do inconsciente sob a compreensão de que o mesmo é estruturado como uma linguagem.

4. O INCONSCIENTE-LINGUAGEM, RELENDO FREUD ATRAVÉS DE LACAN

O inconsciente é estruturado como uma linguagem para dizer a verdade do desejo.

Colette Soler

Mesmo diante das contribuições deixadas por Freud, Lacan revela que o entendimento a respeito do inconsciente permanece nebuloso, uma vez que ainda circulava diferentes modos de concebê-lo distantes daquilo que Freud propôs (LACAN, 1960/1998). Havia quem insistisse em associar o inconsciente ao instinto, concebendo-o como uma mentalidade primitiva ou arcaica do homem. Essa ideia era acompanhada do equívoco de tomar a consciência como um fenômeno unitário, o qual guarda em si todos os atributos que subsidiam o pensamento e os atos psíquicos (LACAN, 1960/1998).

Lacan busca, portanto, restituir o sentido em Freud e defendia que para saber sobre o inconsciente era preciso “entrar no essencial da experiência freudiana” (LACAN, 1960/1998, p. 844). Se apropriando da linguística de Saussure, Lacan realiza a leitura dos textos metapsicológicos e formaliza sua tese do inconsciente-linguagem, se tornando o único psicanalista depois de Freud a se dedicar à elucidação desse conceito (SOLER, 2012).

De acordo com Safouan (2006), Lacan encontra na obra freudiana o apoio necessário para fundar suas próprias teses. Seu primeiro seminário é dedicado aos escritos técnicos de Freud e tinha como objetivo apresentar a noção do simbólico e o lugar central que ele ocupa na experiência freudiana, de modo a compreender e transmitir “o que fazemos quando fazemos psicanálise” (SAFOUAN, 2006, p. 13).

No seu segundo seminário, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, o psicanalista dá destaque à insistência do inconsciente, isto é, à noção de repetição que pode ser observada em toda sua consistência na estrutura de uma cadeia significante (LACAN, 1957-58/1999). Neste seminário, Lacan aborda a questão do sujeito e de sua determinação simbólica e inconsciente, revelando que o simbólico é organizado a partir de leis que operam à revelia do sujeito (SAFOUAN, 2006).

Seu terceiro seminário foi dedicado à psicose, uma estrutura psíquica determinada pela ausência de um significante primordial: o Nome-do-Pai. A psicose se caracteriza pela suplência do simbólico pelo imaginário. Isto posto, se acontece a queda ou o desaparecimento de uma identificação imaginária, por exemplo, vê-se as dificuldades do psicótico em se manter numa realidade humana, isto é, numa realidade simbólica (LACAN, 1957-58/1999).

O quarto ano de seminário é referido ao estudo do objeto, *objeto pequeno a*, que na condição de “causa do desejo” desliza incessantemente entre os objetos. Isso se dá pelo fato que o desejo é “sempre o desejo de Outra coisa” (LACAN, 1957-58/1999, p. 16), daquilo que falta ao sujeito, falta que lhe é estruturante. Ou seja, do objeto desde e para sempre perdido, mas reencontrado nos substitutos vida à fora.

Em “As formações do inconsciente”, quinto seminário de Lacan, são retomadas as elaborações de seu artigo “A instância da letra”, dando destaque à metáfora e à metonímia de modo a demonstrar a emergência das formações do inconsciente e sua estrutura de linguagem. Para Safouan (2006, p. 60), esse seminário representa o esforço de Lacan em “estabelecer uma teoria da subjetividade tal como ela se atesta nessas mesmas figuras”. A partir da construção do grafo do desejo, Lacan demonstra que a constituição do sujeito, baseada na metáfora paterna, segue as mesmas leis que operaram nas formações do inconsciente.

A maior parte dos textos e seminários trabalhados remontam às décadas de 50 e 60, período em que Lacan consegue, já com seus cinco primeiros seminários, redefinir a experiência psicanalítica - introduzindo noções como o significante, o Outro, a ordem simbólica - e renovar sua técnica de modo a restituir a originalidade da experiência freudiana, ao se ocupar de conceitos como transferência e resistência (SAFOUAN, 2006).

Este capítulo é dedicado à elucidação da concepção lacaniana do inconsciente. Em função disso, examinaremos os textos em que o psicanalista francês explora o inconsciente freudiano sob o ponto de vista da linguagem a fim de apontar os desdobramentos operados sobre o conceito, mantendo a perspectiva de uma leitura do inconsciente a partir de suas formações, em especial, do chiste, tal como empreendida por Lacan.

4.1. A estrutura do significante no inconsciente

Lacan (1973-74/1993) designa o inconsciente como um atributo dos seres falantes. Para os outros seres há o instinto, conhecimento imanente e necessário aos animais que não estão na linguagem. Na ausência de um saber instintivo que garanta sua sobrevivência, o ser humano se vê à mercê do meio ambiente, de um Outro que atenda a suas necessidades e o insira no campo da linguagem. “Para o ser humano, portanto, não há instinto, mas há o Outro e... o inconsciente.” (SOLER, 2012, p. 24). “O inconsciente, isso fala”, afirma Lacan (1973-74/1993, p. 18), fala por ser estruturado como uma linguagem, sendo a linguagem a condição *sine qua non* à sua existência.

Não podendo ser causa de si mesmo, o sujeito advém na relação com o Outro, aquele que ocupando este lugar simbólico o insere na linguagem e o eleva à condição de significante que virá representá-lo em relação a outros significantes. Neste sentido, o sujeito se vê determinado pelo significante que “joga e ganha [...] antes que o sujeito constate isso” (LACAN, 1960/1998, p. 853), efeito que pode ser verificado no chiste, dado que essa formação se antecipa ao sujeito sendo capaz de surpreendê-lo - “com seu flash o que ele ilumina é a divisão entre o sujeito e ele mesmo” (LACAN, 1960/1998, p. 853) - e, assim, demonstra que algo fala pelo Eu. Com as formações do inconsciente, testemunhamos a divisão originária do sujeito que não pode ser outro senão sujeito do inconsciente.

Em seu escrito *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957), Lacan parte da linguística saussuriana a fim de realizar uma leitura do inconsciente freudiano e estabelecer uma relação entre a linguagem e as leis que o regem. Dor (1989, p. 27) afirma que “a própria obra de Freud convoca à introdução de certos conceitos da linguística no campo teórico da psicanálise”. Logo, para compreender a abordagem lacaniana do inconsciente faz-se necessário uma aproximação com o trabalho de Ferdinand Saussure e suas elaborações em torno do signo linguístico.

Na linguística saussuriana o signo é concebido como uma unidade composta por dois elementos: um significante (imagem acústica) e um significado (conceito), partes indissociáveis do signo, “não sendo possível, para ele [Ferdinand Saussure], falar-se do significante independente do significado e vice-versa” (JORGE, 2008, p. 76). Aqui a relação entre os dois elementos do signo parece ser fixa. Saussure ainda inclui dois princípios imanentes ao funcionamento do signo: a arbitrariedade e a linearidade. Com o caráter arbitrário do signo, constata-se que não há nenhuma relação natural entre as partes que o constitui. Desse modo, um conceito não estará estritamente ligado a uma única imagem acústica, tendo em vista que um mesmo significado pode encontrar diferentes significantes em línguas distintas (JORGE, 2008). Contudo, Dor (1989, p. 29) observa que o arbitrário não significa aleatória: “a palavra arbitrário não deve dar a ideia de que o significado depende da livre escolha do sujeito falante. Queremos dizer que ele é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhuma ligação natural na realidade”.

Já a linearidade do signo corresponde ao modo como o significante se desdobra na fala do sujeito, de sorte que, se levarmos em conta o aspecto temporal dessa articulação, torna impossível a pronúncia de dois significantes ao mesmo tempo (JORGE, 2008). Nesse sentido, os elementos se dispõem um após o outro, formando uma cadeia da qual só se obtém a significação após seu término. O significado depende da relação que um significante mantém

com os outros significantes da cadeia, ou seja, “apenas o contexto da cadeia falada permite circunscrever a significação” (DOR, 1989, p. 37). É a relação entre os significantes que irá conceder valor ao signo linguístico.

Lacan (1957/1998) confere um outro modo de abordar o signo linguístico. Começa por inverter os lugares do significante e do significado no algoritmo saussuriano, colocando o significante no lugar do numerador a fim de indicar sua primazia em relação ao significado. No mais, evidencia a barra interposta entre os dois elementos do signo que seria resistente à significação, sugerindo que são ordens distintas. Isso permite pensar a autonomia do significante em relação ao significado indo mais além da arbitrariedade já posta por Saussure. Assim, Lacan (1957/1998, p. 501) nos orienta a rejeitar a ilusão de que “o significante atende à função de representar o significado”. Para Garcia-Roza (1985, p. 186)

fica, dessa maneira, quebrada a unidade do signo defendida por Saussure. A cadeia dos significantes (ou cadeia significante) é, ela própria, a portadora dos significados. É essa cadeia que vai fornecer o substrato topológico ao signo lacaniano, impondo que nenhum significante possa ser pensado fora de sua relação com os demais.

O significante adquire seu significado através da diferença, ou seja, ao remeter a outro que se oponha a ele. Por exemplo, o par masculino-feminino ou dia-noite, em que um significante ao remeter a outro permite a precipitação do sentido de ambos. Para Lacan (1957/1998, p. 506), “[...] é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”. Há, portanto, uma impossibilidade de alcançar a significação de um termo sem considerar a soma dos seus empregos. Isto é, a significação depende do emprego que se faz de um termo em relação a outros que do mesmo modo guardam outras significações. Nas palavras de Lacan (1953-54/2009, p. 281), “a significação não faz senão reenviar a uma outra significação”. O emprego de uma palavra é em certo sentido sempre metafórico, afirma Lacan (1953-54/2009) no intuito de justificar que quando nos servimos de uma metáfora para nos expressar, como “você é o sol do meu coração”, abre-se uma infinidade de possíveis significações, pois tudo o que puder se ligar a esses significantes é suscetível à significação. Logo, o sujeito pode estar dizendo coisas que jamais imaginou dizer.

A palavra não guarda em si um sentido unívoco, pelo contrário, há uma multiplicidade de sentidos. Pelo que Lacan (1953-54/2009, p. 275) nos indica, há na linguagem algo de inesgotável, visto que “toda palavra tem sempre um mais-além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer”. A palavra sempre nos conduz a uma outra em um

nível cada vez mais profundo, num movimento em que “cria a ressonância de todos os seus sentidos” (LACAN, 1953-54/2009, p. 277). Sendo assim, a associação livre de ideias acontece pela via do significante e não do significado, considerando que o significado esgotaria a associação, uma vez que se fecharia ao alcançar um sentido enquanto o significante, ao sempre se remeter a outro significante, possibilita sua continuidade (QUINET, 2000).

Lacan (1957/1998, p. 508) anuncia que a estrutura da cadeia significante revela “a possibilidade que eu tenho, justamente na medida em que sua língua me é comum com outros sujeitos, [...] de me servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela”. Neste sentido, a experiência com o significante viabiliza a criação de novos sentidos não obedecendo ao que é socialmente compartilhado pelo código. Considerando a autonomia do significante em relação ao significado, existe a possibilidade de disfarçar o sentido por trás de um dito. Logo, o interlocutor pode não captar a enunciação presente no enunciado, uma vez que pode haver uma distância entre eles. É a mesma distância que Freud reconhece em sua investigação sobre a vida onírica, em que a riqueza de significações ocultada pelo trabalho do sonho marca a hiância entre o conteúdo manifesto e os pensamentos oníricos latentes.

A condição primeira para a formação do sonho seria a distorção do seu conteúdo. Ciente disso, Lacan (1957/1998) equipara os mecanismos do processo primário às funções do significante. A condensação seria equivalente à metáfora, uma vez que sua estrutura pressupõe a sobredeterminação ou superposição de significantes em que um significante vem substituir outro(s), produzindo o efeito de significação. O autor coloca a metonímia no lugar que Freud reservou ao deslocamento, pois sua função estaria no transporte da significação entre os significantes com o objetivo de burlar a censura, remetendo um significante a outro significante (JORGE, 2008). Quinet (2000) o define como a tomada do todo pela parte, se apoiando na articulação de um significante a outro por deslizamento. Por exemplo, “trinta velas despontam no horizonte”, através do significante velas (parte) pode-se deslizar até o significante barco (todo), logo, a parte se remete ao todo e ao invés de falar barco, fala-se velas.

O que distingue, segundo Lacan, esses dois mecanismos do trabalho do sonho de sua função homóloga no discurso é a figuração dos pensamentos oníricos. Contudo, o autor sustenta que isso não exclui o fato de o sonho carregar em si a marca de uma escrita, considerando que “o sonho segue as leis do significante” (LACAN, 1957/1998, p. 515). Todavia, a vida de vigília não está livre do inconsciente, alerta Lacan, afirmando que todas as nossas ações estão submetidas a esta instância psíquica, pois as motivações inconscientes também estariam na base da consciência (LACAN, 1957/1998).

A partir de sua teoria do significante Lacan demonstra que o inconsciente não está num mais-além da linguagem (JORGE, 2008), nem se encontra nas profundezas da psique, como o romantismo o concebia. “O inconsciente é aquilo que dizemos” (LACAN, 1960/1998, p. 844), ele se faz presente nas palavras, nos tropeços cometidos sobre o discurso consciente. Por estar no discurso, é passível de ser escutado por todo aquele que se dispor a essa tarefa, posto que para Lacan (1955/1998, p. 27) “a linguagem profere seu veredito para quem sabe ouvi-la”.

4.2. A carta desviada⁷ e a determinação significante

Se o inconsciente se constitui nesse jogo de significantes no qual se engendra a significação, é também caracterizado pela repetição, como demonstra Freud em suas análises sobre os jogos infantis e os sonhos de angústia. O fenômeno da compulsão à repetição, identificado por Freud em seu texto *Além do princípio do prazer*, é por Lacan trabalhado no seminário dedicado à leitura de um dos escritos de Edgar Allan Poe, *A carta roubada* (1955). Através da história narrada no conto, o psicanalista expõe “a determinação fundamental que o sujeito recebe do percurso de um significante” (LACAN, 1955/1998, p. 14), demonstrando com isso, “a supremacia do significante no sujeito” (LACAN, 1955/1998, p. 22) e o papel da ordem simbólica na sua constituição. A narrativa gira em torno do ato anunciado em seu título: o roubo da carta. Ato possível graças à estrutura que a trama revela, servindo de suporte para o trajeto do significante. Lacan (1954-55/2009) declara que num primeiro instante pode-se supor que a trama se desenrole no plano das relações intersubjetivas, mas que ao tomarmos o texto como um todo, se apreende a estrutura simbólica da história.

Ao apresentar as duas cenas que marcam o conto, Lacan (1955/1998) aponta para uma repetição: a “cena primitiva” é reencenada no momento em que se busca resgatar o que fora roubado, dado que seu resgate se dá pelo mesmo ato, regido pela mesma estrutura. O psicanalista, a princípio, anuncia a dinâmica por meio de três olhares que representam as três posições ocupadas pelos atores do conto:

O primeiro é o de um olhar que nada vê: é o Rei, é a polícia. O segundo, o de um olhar que vê que o primeiro nada vê e se engana por ver encoberto o que ele oculta: é a Rainha, e depois, o ministro. O terceiro é o que vê, desses dois olhares, que eles deixam a descoberto o que é para esconder, para que disso se apodere quem quiser: é o ministro e, por fim, Dupin (LACAN, 1955/1998, p. 17).

⁷ Considerando o prefixo *Pur* presente no título da versão inglesa do conto de Edgar Allan Poe, *The Purloined Letter*, Lacan sugere “a carta desviada” como a tradução mais adequada, indicando que a carta, ao sofrer um desvio, tem o seu trajeto alongado, prolongado: *pur-longée* (*purloined*) em francês (LACAN, 1954-55/2009).

A primeira parte da narrativa conta com quatro personagens: o rei, a rainha, o ministro e a carta. Os personagens são definidos pela posição que ocupam em relação à carta, sujeito radical do conto (LACAN, 1954-55/2009). Sendo assim, as posições não são fixas, mas sujeitas a desvios, pois “na medida em que eles entraram na necessidade, no movimento próprio à carta, cada qual se torna, no decurso das sucessivas cenas, funcionalmente diferente em relação à realidade essencial que ela constitui” (LACAN, 1954-55/2009, p. 248). Lacan afirma que para cada personagem a carta é o seu próprio inconsciente, estando o sujeito determinado pelo movimento singular desta carta-inconsciente. Assim como os personagens mudam a cada desvio da carta, o sujeito torna-se outro com o deslizar da cadeia significativa no inconsciente.

A trama começa nos aposentos reais em que a carta endereçada à rainha está à vista de todos que compõem a cena: a rainha, o ministro e o rei. O ministro reconhece o estado de tensão da rainha e decide roubar a carta - substituindo-a por outra similar - e faz isso à vista da rainha, que nada pode fazer, pois qualquer ação poderia despertar a desconfiança do rei. Não se sabe o conteúdo da carta, seu significado não é revelado, o que se sabe é que ela não mantém o sentido, uma vez que se transforma a cada novo desvio (LACAN, 1954-55/2009). A partir do momento em que o ministro toma posse da carta ela deixa de ser aquilo que era para a rainha. Se era uma carta de amor agora é uma prova material nas mãos do ministro.

Os deslocamentos que ocorrem na segunda cena são determinados pelo percurso da carta, considerada um “significante puro” por Lacan (1955/1998). Como dito anteriormente, a posse da carta determina o destino do sujeito, definindo a posição que irá ocupar em relação aos outros atores que compõem a cena, de maneira que o sujeito se encontra subjugado pelo significante. “A carta/letra e o seu desvio que regem suas entradas e seus papéis”, anuncia Lacan (1955/1998, p. 34). O ministro D., ao se apoderar da carta, passa a ocupar o lugar anteriormente habitado pela rainha, tornando-se vítima do mesmo golpe que exercera sobre ela. Afinal, a carta não pode ser roubada se você não a possui.

Assim como a primeira cena, a segunda também conta com quatro personagens. No entanto, a polícia vem ocupar o lugar do rei e Dupin surge na trama como aquele que captura a carta da rainha. Em relação à carta, o ministro manifesta a mesma atitude que a soberana - não fala nada -, o que o levará a perder a carta para Dupin não pela esperteza deste, mas pela estrutura que rege a trama. Dupin, com a carta em mãos, adota a mesma atitude que tivera seus antecessores, de forma que “em suma, ter esta carta - eis justamente aí a significação da verdade que fica passeando - lhes cala o bico” (LACAN, 1954-55/2009, p. 256). Em seguida, sugere ao detetive que gostaria de receber honorários caso conseguisse a carta. Tendo a confirmação de

que receberia uma quantia do detetive, entrega a carta roubada. Lacan (1954-55/2009) afirma que a carta está fadada a chegar no rei, a um rei que sempre ocupa uma posição de total desconhecimento, o Eu. Sendo assim, a carta chega ao seu verdadeiro destino num terceiro momento, ou seja, depois que a posição do rei se altera, quando o ministro desce da posição que era da rainha e passa a ocupar a posição do rei, portador da carta. Cito Lacan (1954-55/2009, p. 250):

Isso, naturalmente, não é mais a carta que passou de Dupin para o chefe da polícia [...], é uma nova forma da carta, que Dupin lhe deu, bem mais instrumento do destino do que Poe nos mostra, forma provocante que confere à historiazinha seu lado incisivo e cruel para uso das balconistas. Quando o ministro desdobrar o papel, lerá estes versos que o esbofeteiam.

A carta de que se fala já não é mais a mesma, o que dará uma nova significação à ação de Dupin, pois para além dos honorários sua ação foi motivada por sentimentos que antecedem a cena primitiva que envolvia a realeza. A carta que fica para o ministro anuncia um episódio do passado envolvendo Dupin, trata-se de sua vingança para com o ministro que se revela num só depois (LACAN, 1954-55/2009). Assim, fica claro que a estrutura é conservada, o que evidencia a repetição da primeira cena. Contudo, o sentido se transforma graças ao deslizar da carta, uma vez que o significante alcança sua significação através da relação que mantém com outros significantes, logo, o significado da carta depende de quem está de posse dela. Para o Ministro D. a carta representava uma vantagem política em relação à rainha, já para Dupin representa uma vingança contra o ministro.

A esse princípio alternante do funcionamento significante, Lacan (1955/1998) relaciona o automatismo de repetição, proposto por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920), a fim de atestar que o sujeito é determinado pelo significante. Tendo o conto como modelo, o psicanalista coloca todos os personagens como partes de uma cadeia significante na qual cada sujeito define o seu ser em razão do momento da cadeia que ele está percorrendo. Para Lacan (1955/1998, p. 33-34), tudo segue o significante:

o deslocamento do significante determina os sujeitos em seus atos, seu destino, suas recusas, suas cegueiras, seu sucesso e sua sorte, não obstante seus dons inatos e sua posição social, sem levar em conta o caráter ou o sexo, e que por bem ou por mal seguirá o rumo do significante, como armas e bagagens, tudo aquilo que é da ordem do dado psicológico.

Lacan (1955/1998) constata que o automatismo de repetição vem reafirmar a descoberta do inconsciente, pois indica a presença de uma memória associada a esse campo psíquico que diante dos fatos recentes é reanimada e pode se reestruturar por intermédio da repetição. Ele

coloca que a repetição encontra sua origem na ordem simbólica que, longe de ser constituída pelo sujeito, é aquilo que o constitui. É o que leva Freud a desbançar o sujeito da consciência por entender que seus atos são determinados pelo inconsciente.

Fazendo uso da lógica, Lacan (1955/1998) busca ratificar a sobredeterminação significativa como sendo o que Freud defende em relação ao determinismo inconsciente. Nesse sentido, tendo em vista a autonomia do simbólico (inconsciente) a associação livre se mostra não-livre, uma vez submetida às leis do inconsciente. Do mesmo modo, a repetição ou insistência da cadeia significativa nos serve como indicador do desejo que Freud testemunha nas formações do inconsciente, desejo indestrutível que não cansa de se escrever (LACAN, 1955/1998). O desejo é o significado da cadeia significativa, afirma Soler (2012, p. 65), “cadeia que o desejo assombra e a qual ele dá seu sentido, sem jamais passar ao dito”.

Segundo Dor (1989), a interpretação lacaniana do conto evidencia a determinação do sujeito em relação ao significativo, uma vez que os personagens se veem mobilizados pela circulação da carta e pelas sucessivas substituições que a mesma sofre ao longo do percurso. O sujeito (personagens) é movido pelo significativo (carta) mesmo desconhecendo o seu significado (o conteúdo da carta). O conto, portanto, nos serve de metáfora para a dimensão do inconsciente. O sujeito é inconscientemente determinado por significantes, mas por desconhecer tal determinação acredita possuir o controle total sobre seus atos e escolhas assim como nos mostra o conto: “cada um dos personagens, determinados em seu agir pela relação com a carta, nos conduz à posição do sujeito, movido à revelia pelos significantes da linguagem em relação com o inconsciente” (DOR, 1989, p. 45).

“O analista é depositário das cartas roubadas dos analisantes: cartas que não chegaram a seu destinatário e que são transferidas ao analista”, nos diz Quinet (1991, p. 91). A carta seria uma espécie de significativo recalcado (S1) que desponta no discurso do sujeito sem que ele o saiba, pois na condição de ser dividido o sujeito desconhece o que diz naquilo que por ele foi dito. A verdade do sujeito pode se revelar por meio da palavra, mas não toda-verdade, pois a palavra só comporta um meio-dizer possível graças às técnicas do significativo.

4.3. Equívoco, morada da verdade

Preso às amarras do significativo o sujeito se encontra determinado por ele em atos que se repetem sem que o mesmo se dê conta. De fato, tende a ignorá-los, tratando-os como meros equívocos e desse modo não se aproximam de sua verdade. A psicanálise, uma vez que concede um lugar ao inconsciente, permite uma aproximação do sujeito com a sua verdade, a qual diz

do seu desejo inconsciente. Para Lacan (1953-54/2009), Freud tomava cada paciente como uma espécie de apoio ou questão que o permitia avançar na resolução do caso e em suas investigações. O estilo de sua pesquisa não comungava com as outras pesquisas científicas visto que Freud interessava-se pela verdade do sujeito e buscava realizá-la em sua singularidade, entendendo que se trata de uma realidade particular que difere da noção da realidade comum ou compartilhada (LACAN, 1953-54/2009). Tal verdade incluía a própria pessoa de Freud, sua presença e o seu fazer na cena analítica.

Como se aproximar da verdade do sujeito? Foi através da escuta que Freud identificou no discurso dos seus analisantes uma verdade escamoteada. Para Lacan (1960/1998), o inconsciente está a falar, contudo, é preciso reconhecê-lo, saber dele, para que não passe despercebido. É necessário, portanto, que o analista esteja advertido de sua estrutura de linguagem para ser capaz de ouvir “lá onde isso fala”. Na análise testemunhamos a emergência da palavra verídica (LACAN, 1953-54/2009). O analisante, sob transferência, vê a palavra que não é capaz de confessar nem para si mesmo se lançar em direção ao analista e revelar-se. Trata-se de uma revelação, uma vez que o inconsciente só acha expressão através do disfarce, mascarando o conteúdo que toca a verdade. Para Lacan (1953-54/2009), toda a obra freudiana se desdobra no sentido da revelação, sendo esta a razão que se busca na experiência analítica.

A análise coloca em causa a palavra plena, a qual traz a marca da verdade do sujeito e que possibilita a ocorrência de uma mudança subjetiva, efeito do novo que desponta no dizer. Portanto, as retificações subjetivas ocorrem no plano da palavra, sendo através dela que o ser do sujeito pode se deixar revelar, mas há um limite, a revelação do ser não se dá por completo. Isto porque alcançar a palavra plena na experiência analítica não é o mesmo que se distanciar das contradições, mas aproximar-se delas. É “na antinomia, na hiância, na dificuldade, que encontramos chances de transparência” (LACAN, 1953-54/2009, p. 129). A associação livre, como regra fundamental da análise, consiste no desprendimento de toda coerência lógica ou moral, esperando que o sujeito seja capaz de dizer tudo que lhe passa pela cabeça.

Lacan (1953-54/2009, p. 193-194) situa o sujeito no campo da ignorância em relação aos seus desejos, querendo mostrar que “a ignorância se constitui de maneira polar em relação à posição virtual de uma verdade a atingir”. Logo, a ignorância do homem é correlata de uma verdade a ser alcançada. Sendo mais preciso, o psicanalista afirma que não se trata de uma simples ignorância, mas de um desconhecimento que o faz se comportar como alguém que “conhece que há alguma coisa que não quer reconhecer” (LACAN, 1953-54/2009, p. 194).

Para Freud não há como traduzir o desejo inconsciente, não diretamente, pois o mesmo se encontra impedido de se inserir no discurso, o que impossibilita que o sujeito o reconheça.

Segundo Lacan (1953-54/2009, p. 278), Freud localiza o motivo do interdito no fato de que “há entre os elementos do recalque algo que participa do inefável. Há relações essenciais que nenhum discurso pode exprimir suficientemente, senão no que eu chamava há pouco de entrelinhas”. O que não pode ser dito encontra uma maneira de revelar-se através das rupturas, das hiências que formam o discurso. Nesse sentido Lacan (1953-54/2009) explica que inconscientemente o discurso se organiza de modo a bordear o inefável do desejo inconsciente.

O mesmo ocorre na elaboração onírica que mascara o desejo inconsciente ao fazer uso dos restos diurnos, visto que estes constituem um material significante que destituído de seu próprio sentido passa a ser remanejado e ganha uma nova forma, uma mensagem cifrada capaz de revelar um novo sentido, um sentido inconsciente (LACAN, 1953-54/2009). Segundo o psicanalista, “o desejo inconsciente, quer dizer, impossível de se exprimir, encontra meio de se exprimir, não obstante, pelo alfabeto, a fonemática dos restos do dia, eles mesmos desinvestidos do desejo. É, pois, um fenômeno de linguagem como tal” (LACAN, 1953-54/2009, p. 278). Neste sentido, o discurso do analisante deve ser tomado como um discurso mascarado, revestido de elementos pré-conscientes que buscam disfarçar um desejo inconsciente.

No fim do seu primeiro seminário Lacan abre uma discussão acerca da verdade e do erro, colocando ambos no mesmo plano ao afirmar que: “a verdade surge da equivocação” (LACAN, 1953-54/2009, p. 297). O analista deve supor que o discurso do paciente se constitui errante no sentido de que o sujeito desconhece o que diz ou se mantém no campo da denegação. Contudo, Lacan revela que a verdade pode emergir desse discurso errante, sendo função do analista levar seu paciente a descobrir os equívocos dos quais ele está habituado, a atentar para as contradições do seu próprio discurso, a “assinar” o que diz.

No seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais*, Lacan (1964/2008, p. 37) define o inconsciente como algo da ordem do não-realizado, “ele não é nem ser nem não-ser, mas algo de não-realizado”, que se encontra como que à espreita, esperando o momento para revelar-se sob a forma de “tropeços, desfalecimentos, rachaduras” (LACAN, 1964/2008, p. 32). Para ele Freud se viu atordado diante desses fenômenos que lhe serviram de ponto de partida para sua busca do inconsciente, tomando-os como achados e identificando que algo nesses fenômenos deseja se realizar. Lacan (1964/2008, p. 32) diz que “esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo”.

Na experiência analítica, a verdade se revela através dos deslizos, das falhas, dos lapsos do analisante: “Nossos atos falhados são atos que são bem sucedidos, nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam [...] uma verdade de detrás” (LACAN, 1953-54/2009, p. 302). Freud defendia a ausência de contradição no inconsciente, afirmando com isso que a

palavra desnudada pela interpretação das formações do inconsciente se encontra submetida a outras leis que não a do discurso corrente. Graças a Freud os analistas são levados “a escutar no discurso essa palavra que se manifesta através, ou mesmo apesar, do sujeito”, conclui Lacan (1953-54/2009, p. 303).

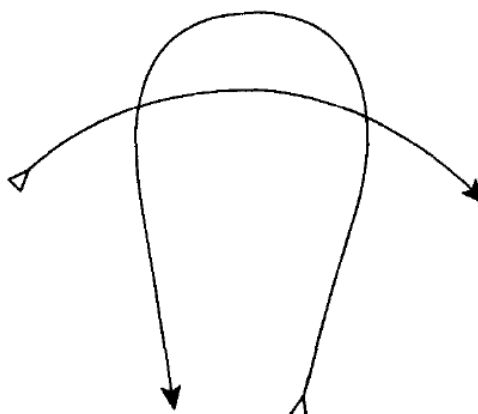
No caso do chiste temos uma formação do inconsciente que surge de um desvio no código, figurando como uma novidade no discurso pois trata-se de um dito que atropela a intenção consciente, causando tanto espanto quanto prazer. Além disso, depende do reconhecimento de um terceiro, um Outro simbólico que o inclua no código e o legitime como espirituoso. A seguir, faremos a exposição da leitura lacaniana sobre as formações do inconsciente, a qual toma como modelo o chiste.

4.4. O chiste segundo o inconsciente-linguagem: metáfora e metonímia

Como se viu até aqui o significante determina o sujeito, atua por meio da repetição e só pode ser apanhado no equívoco. Para demonstrar a ação do significante neste “lugar psíquico” apresenta-se a análise realizada por Lacan sobre a tirada espirituosa. Segundo Safouan (2006), as análises de Freud a respeito do chiste constituem a rocha sobre a qual Lacan construiu seu edifício teórico. Portanto, toma-se o chiste como formação do inconsciente que favorece a demonstração e elucidação da tese lacaniana do inconsciente-linguagem.

Lacan abre seu quinto seminário, *As formações do inconsciente* (1957-1958), anunciando que irá se debruçar sobre a função do significante no inconsciente e faz isso partindo do exame da técnica do *Witz* e da leitura do chiste inaugural do texto de Freud: o *familiário*. Contudo, decide iniciar esclarecendo como ocorre a formação da mensagem que surge como palavra plena, trazendo consigo a marca de uma verdade do sujeito. Para tanto, começa apresentando o esquema do ponto-de-estofa, matriz do seu grafo do desejo. O esquema possui dois vetores que representam a relação entre a cadeia significante e a cadeia significada (LACAN, 1957-58/1999). O vetor da cadeia significante é atravessado por um vetor que vai no sentido inverso e que representa o que vem dar nome ao esquema: ponto-de-basta ou ponto-de-estofa. Isto é, um significante que interrompe o deslizamento da cadeia e abre acesso à significação, rompendo com o campo da indefinição correspondente ao sentido da cadeia significante.

Figura 1: Esquema do ponto-de-estofa



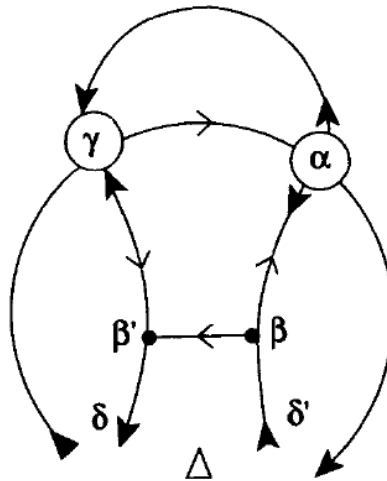
Fonte: O seminário, livro 5: As formações do inconsciente de Jacques Lacan⁸

Podemos introduzir aqui a noção de *a posteriori* para pensar o alcance de sentido no inconsciente. Lacan (1960/1998) explica que há um “núcleo de um tempo reversivo” na estrutura do discurso. Na construção de uma frase o sentido só pode ser atingido com o último termo e no movimento de retroação em que se desliza do último significante para os seus antecessores. O *a posteriori* como uma estrutura temporal já estava posto desde Freud, quando anuncia que um sintoma pressupõe um trauma e reconhece a necessidade de deslizar do sintoma à cena traumática para atingir seu sentido no processo analítico (LACAN, 1960/1998).

Dando um passo adiante, Lacan apresenta o primeiro andar do grafo do desejo, apontando a cadeia significante como a parte do esquema que se encontra sujeita aos efeitos significantes, a saber, a metáfora e a metonímia. É na cadeia significante que presenciamos a emergência de novos sentidos, seja pela via dos trocadilhos ou dos jogos de palavras. Na outra linha do esquema Lacan localiza o discurso comum, socialmente compartilhado, em que há uma escassez na produção de sentido, uma vez que o significado está dado e submetido às prescrições do código de tal modo que se encontra, em certa medida, imobilizado (LACAN, 1957-58/1999).

Figura 2: Primeiro andar do grafo do desejo

⁸ LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 17.



Fonte: O seminário, livro 5: As formações do inconsciente de Jacques Lacan⁹

O teórico dá destaque a dois pontos de entrecruzamento, (α) e (γ), localizados no primeiro andar do grafo. O primeiro deles representa o código como discurso comum, indispensável à circulação da linguagem. Situa-o, ainda, no lugar do Outro (α) na qualidade de tesouro dos significantes. O segundo ponto é onde o circuito se fecha e o sentido se estabelece; é o lugar da mensagem, representado por (γ), ponto em que a cadeia significante apreende seu sentido ao tomar como referência o código (α). Lacan (1957-58/1999) assinala que há duas setas que desembocam nesse ponto, pois a mensagem é produto da conjunção do discurso comum com o significante (LACAN, 1957-58/1999).

Se o discurso não é cortado pela cadeia significante, nenhuma verdade é anunciada. Ou seja, sem escansão não há abertura para o sentido, o que se tem é um moinho de palavras, um discurso vazio localizado num curto-circuito entre (β') e (β), circuito da falação. Neste curto-circuito temos de um lado o objeto a , objeto metonímico, e do outro lado temos o [Eu] = Je, sendo, no discurso, o lugar daquele que fala.

Ressaltando que a técnica esmiuçada por Freud em *O chiste e sua relação com o inconsciente* trata-se da técnica do significante, Lacan (1957-58/1999) começa sua exposição sobre o *familiário*, chiste que abre o trabalho de Freud e que pertence ao poeta alemão Heinrich Heine. Esta tirada espirituosa conta com o personagem Hirsch Hyacinth, um vendedor de bilhetes de loteria que, em meio a uma conversa, dispara sobre um encontro com o milionário Salomon Rothschild no qual o mesmo lhe teria tratado de maneira familiar. Freud, então,

⁹ LACAN, Jacques. *O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 18.

se agarra a esse significante que surge na fala do pobre personagem, localizando aí a tirada espirituosa. Para Freud, “familiar” é produto do mecanismo de condensação presente no inconsciente, condensação que se dá graças à similaridade homofônica entre os dois significantes:

Figura 3: Combinação significativa presente no chiste o “familiar”

FAMILIAR
MILIONÁRIO
FAMILIONÁRIO

Fonte: Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem de Joël Dor¹⁰

Lacan (1957-58/1999) explica que a propriedade dos fonemas presente em cada uma das palavras causa um abalo na cadeia significativa. Em seguida, com base no seu esquema, distingue três tempos em que se desenrola a formação chistosa. Primeiro, há um esboço da mensagem contendo a palavra familiar que parte do Outro, (α), uma vez que todo discurso parte desse ponto. Segundo Dor (1989), o sujeito quando se põe a falar convoca uma série de significantes para compor o que pretende dizer, mobilizando, assim, a cadeia significativa. A cadeia que compõe o discurso deve, portanto, obedecer às normas de combinação significativa previstas no código (α). No entanto, a combinação significativa que encontramos no dito espirituoso - que aparece no lugar da mensagem (y) - não é prevista no código. Logo, é preciso supor que a combinação significativa inicial, que continha a palavra familiar, foi perturbada por outros significantes.

O segundo tempo é marcado pelo aparecimento de outro significante e sua interferência na organização da mensagem. Dor (1989) expõe que essa formação significativa “contrabandeada” escapa ao próprio sujeito e tem sua origem no ponto β' do grafo. A combinação significativa “familiar” é comandada pelo objeto metonímico (β') que, neste caso, é o significante milionário. Lacan (1957-58/1999, p. 27) aponta para um “problema”, uma vez que Salomon Rothschild, objeto metonímico de Hirsch Hyacinth

é seu milionário, mas ao mesmo tempo não espaço é, porque é muito mais o milionário que o possui. Resultado: isso não funciona, e é precisamente por isso que esse milionário vem refletir-se, no segundo tempo, em β' , ao mesmo tempo que o outro termo, a maneira familiar, chega a α .

¹⁰ DOR, Joël. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Trad: Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 60.

Neste sentido o milionário invade a cadeia significante associando-se ao significante familiar por similaridade homofônica, suplementa-o com algumas sílabas através de uma condensação significante não prevista pelo código e, desse modo, cria-se um sentido (DOR, 1989). É no terceiro tempo que ocorre a junção de familiar e milionário, formando a mensagem: familionário, localizada no ponto (y). Lacan (1957-58/1999) defende que o esquema por ele proposto permite medir os passos do significante no inconsciente, que se restringem aos três passos expostos na análise empreendida no seu quinto seminário.

Desse modo, temos três tempos em que as duas cadeias, a do discurso e a do significante, dirigem-se para um ponto em comum, o da mensagem. A mensagem constitui uma produção significante que se mostra incongruente uma vez que está fora do código, mas que no instante seguinte revela-se plena de sentido. Lacan afirma que é a distância que mantém do código que a concede valor de mensagem. “A mensagem reside em sua diferença para com o código” (LACAN, 1957-58/1999, p. 28) pois é a diferença que inaugura a novidade do dito. É a partir do desvio da norma, do já instituído pelo código, que um novo sentido se manifesta.

Conforme afirma Miller (1999, p. 10), “somente os significantes que escapam ao código são os que verdadeiramente criam sentido”, pontuando em seguida que “o desvio está no fundamento do sentido” (MILLER, 1999, p. 12). Sendo assim, o dito espirituoso conquista o status de mensagem na medida em que se diferencia do código. Seu sentido surge justamente da diferença em relação à norma, sendo, portanto, um desvio à norma. Em seguida, Lacan revela que é o Outro que reconhece a diferença em relação ao código e lhe concede estatuto de tirada espirituosa, argumento que não parte de Lacan, mas do próprio Freud, ao pressupor a presença de um terceiro na estrutura do chiste.

Lacan (1957-58/1999) evidencia dois pontos fundamentais do texto freudiano sobre o chiste: um é a exposição da técnica significante e o outro é a referência ao Outro¹¹ como terceiro, responsável por instituir o chiste como tal dado que se não há um terceiro estamos no campo do cômico e não do espirituoso. Para Lacan (1957-58/1999, p. 28), “o Outro rebate a

¹¹O termo Outro [*Autre*] na psicanálise lacaniana envolve muitos sentidos, afirma Miller (1987). Em sua grafia verifica-se o uso da letra O (A), em maiúsculo, a qual serve para indicar o lugar de alteridade que o Outro representa, dado que o outro, com o (a) minúsculo, se refere ao outro semelhante, da simetria nas relações intersubjetivas, da reciprocidade imaginária (MILLER, 1987). Roudinesco (1998) expõe que esse termo lacaniano serve para designar um lugar simbólico, de modo a abarcar o significante, a linguagem, a lei e o inconsciente. De acordo com Miller (1987), o grande Outro é o Outro da linguagem, lugar do significante e do código, daquilo que é socialmente compartilhado e que permite a comunicação, de onde parte a mensagem; é o terceiro, presente em todo e qualquer diálogo; constitui, igualmente, o lugar em que o inconsciente é o discurso; sendo também o Outro do desejo inconsciente, que agita o sujeito.

bola, alinha a mensagem no código como tirada espirituosa. Ele diz no código: Isto é uma tirada espirituosa”.

A relevância do familionário na obra de Freud está no fato deste chiste revelar a importância do significante no mecanismo inconsciente, pois é a partir dele que se inicia a investigação freudiana sobre a técnica do chiste como técnica de linguagem (LACAN, 1957-58/1999). Ao observar o aspecto técnico ou verbal do chiste, Freud reconhece uma similitude em relação aos mecanismos já identificados no inconsciente, a saber, a condensação e o deslocamento, os quais equivalem às funções essenciais do significante, a metáfora e a metonímia. No caso do familionário, trata-se de uma metáfora, pois o que ocorre é a substituição acompanhada da condensação dos termos familiar e milionário. É a partir da troca significante que uma nova significação emerge, o familionário. De acordo com Lacan é na transição de um significante para outro que reside o recurso criador de sentido da metáfora, visto que “é pela possibilidade de substituição que se concebe o engendramento, por assim dizer, do mundo do sentido” (LACAN, 1957-58/1999, p. 35).

Lacan (1957-58/1999) localiza na palavra familiar o objeto rejeitado, o dejetivo da tirada espirituosa. Essa palavra desaparece, passando para debaixo da barra de significação e, em seu lugar, surge o familionário. Para entender o recálque da palavra familiar Lacan retorna ao texto dos chistes no qual Freud descreve fatos do passado de Heine. A tirada espirituosa teria sua fonte nas relações familiares do escritor, visto que aparentemente Heine tinha problemas com um tio milionário [Salomon Heine] que não só recusou ajudá-lo financeiramente, como impediu o romance entre o escritor e a sua filha, “a quem não pôde desposar pela razão, essencialmente familionária, de que o tio era milionário e ele não era” (LACAN 1957-58/1999, p. 57). Desse modo, as contendas familiares de Heine revelam-se através do significante familionário, evidenciando o sentido pessoal que se encontra subjacente na tirada espirituosa.

A fonte do prazer no chiste se tornou uma questão para Freud, que sai em busca de respostas e encontra no infantil a primeira delas (LACAN 1957-58/1999). Para ele a origem do prazer está relacionada ao período de aquisição da linguagem no qual a criança tende a brincar com as palavras. Seria, portanto, o retorno da relação com o significante em seu formato mais livre, sem o controle exercido pela crítica e disciplinamento em relação ao uso das palavras progressivamente introduzido na vida do sujeito. Freud identifica aí a origem do prazer no chiste, apontando as vias para atingi-lo, fator que o levou a reconhecer o chiste como uma formação do inconsciente, pois são as mesmas vias que o estruturam (LACAN 1957-58/1999).

A metáfora e a metonímia são as leis que operam na criação de sentido, mas o que é o sentido? É um questionamento que Lacan (1957-58/1999) se faz e através do qual introduz uma

fórmula já postulada por Freud - o sentido no nonsense -, estando ligada ao seu mecanismo do prazer. Nesse sentido o chiste causa primeiramente um impacto por meio do nonsense, contudo, o que se mostra incompreensível em seguida revela seu sentido secreto e provoca prazer. Lacan (1957-58/1999, p. 90) nos diz que “o nonsense tem o papel de nos enganar por um instante, tempo suficiente para que um sentido até então despercebido nos atinja através da captação do chiste” e, nesse ponto, o prazer sobrevém. O autor ainda afirma que um desejo só pode ser aceito, admitido pelo Outro, através de desvios/saídas que fazem dele objeto de troca, tornando-o diferente do que ele é (LACAN, 1957-58/1999). O desejo, no instante em que aparece, traz consigo a surpresa como condição do seu surgimento. Para Lacan, o objetivo do chiste consiste em nos indicar o que do desejo inconsciente restou no percurso de sua formação: “por um lado, o que deixou de dejetos no nível da cadeia metonímica, e por outro, o que não realizou plenamente no nível da metáfora” (LACAN, 1957-58/1999, p. 100), pois o desejo circula no inconsciente sob a forma de dejetos do significante.

Diferente do nonsense proposto por Freud, Lacan apresenta o pouco-sentido como dimensão constituinte do sentido no chiste. Como efeito do próprio deslizar da cadeia significante temos uma redução ou um apagamento do sentido evidente nos jogos de palavras; ou naqueles que envolvem o pensamento, pois neles se brinca com o caráter tênue das palavras. A mensagem do chiste se reduz a essa dimensão do pouco-sentido e aí o Outro é evocado, interrogado sobre o valor do pouco-sentido (LACAN, 1957-58/1999). Para Freud o chiste não é solitário, sua formação requer a presença do Outro para autenticá-lo. O chiste se completa no instante em que o Outro acusa seu recebimento, reage a ele e o autentica. Nesse sentido, “é preciso que o Outro perceba o que está ali, nesse veículo da pergunta sobre o pouco-sentido, de demanda de sentido, isto é, da evocação de um sentido mais além - além do que fica inacabado” (LACAN, 1957-58/1999, p. 103). Ou seja, o Outro é quem reconhece e legitima o sentido que está para além do pouco-sentido.

Em seguida Lacan apresenta outra dimensão atrelada ao sentido no chiste, o passo-de-sentido. Na cena do chiste estão o sujeito e o Outro, sendo o sujeito quem dirige a fala ao Outro, comunicando-lhe a novidade como chiste. É através da surpresa que a tirada causa no Outro que o sujeito colhe o prazer, um prazer arcaico que alude à experiência primordial com o significante. Só pode ser considerado um chiste aquele que é reconhecido pelo sujeito como tal, contudo, isso não basta. É necessária a homologação do chiste pelo Outro, uma vez que “o prazer da tirada espirituosa só se completa no e pelo Outro” (LACAN, 1957-58, 1999, p. 108). Miller (1999) alega que o desvio precisa ser acolhido pelo Outro que, estando no lugar do código, o reconhece como um dito espirituoso. É a sanção do grande Outro que fará o “pouco-

sentido”, ou seja, o dito que se mostra ininteligível ou absurdo do ponto de vista do código seja pelo Outro legitimado e tomado como um “passo-de-sentido”. Isto é, “um passo adiante do sentido” (MILLER, 1999, p. 13), a criação de (um novo) sentido a partir do nonsense.

Miller (1999) faz um paralelo entre as abordagens freudiana e lacaniana do chiste, observando que enquanto Lacan privilegia a técnica significante no chiste, Freud utiliza a técnica como um meio para alcançar o prazer pelo chiste, ou seja, o aspecto central em Freud é o gozo. Para Lacan, o prazer da tirada espirituosa está ligado ao reconhecimento do Outro, que diz “isto é espirituoso”. Já Freud localiza no balbúcio infantil, na homofonia dos primeiros sons emitidos pela criança, a gênese do prazer associado ao chiste. Logo, o prazer defendido por Freud é anterior à constituição do Outro. Há, portanto, uma “conexão direta entre o significante e o gozo” (MILLER, 1999, p. 25) a qual prescinde da sanção do Outro. Para Miller (1999) há um esforço de Lacan em suspender momentaneamente a tese freudiana da psicogênese do prazer e deslocar a ênfase que Freud dá ao gozo para a técnica significante.

A satisfação da tirada espirituosa, proposta por Lacan, ignora a dimensão do gozo e se liga à ordem significante. É na relação com o Outro como lugar do significante que o sujeito alcança a satisfação pela via do chiste. O que Lacan chama de satisfação do Witz “é, de certa maneira, a simultaneidade entre a realização da intenção do sujeito na mensagem e o alcance do ponto A, acolhendo a formação significante” (MILLER, 1999, p. 27). Ou seja, primeiro temos a passagem do desejo à palavra, na forma de mensagem endereçada ao Outro. Será o reconhecimento do Outro ao dizer “sim” para o desejo disfarçado na mensagem que provocará a satisfação. Cito Miller (1999, p. 28):

A psicogênese freudiana está arraigada definitivamente no gozo, mas Lacan constrói seu grafo arraigando-o na insatisfação e, de fato, chama-o de grafo do desejo e não de grafo do gozo. É o grafo do desejo como defasagem permanente entre a mensagem e o Outro de toda expressão verbal. Em geral, não há satisfação mas insatisfação, embora às vezes se produza, apesar de tudo, o milagre da satisfação. Ocorre no momento do próprio fracasso no dizer quando, na própria mensagem, sempre insuficiente, sempre de lado, o Outro chega a entender aquilo que está mais-além. Quer dizer, quando consegue entender justamente o fracasso em dizer. De certa maneira, a única felicidade está na interpretação, quando o Outro interpreta o fracasso no dizer, o lapso, o deslize, o limite e, no fundo, entende o que está mais-além, no horizonte.

Neste sentido, o sujeito nos tropeços e deslizes cometidos na linguagem consegue transpor algo mais-além do dito e dirigi-lo ao Outro na espera de que este interprete e legitime o seu dito. Miller (1999) aponta a impossibilidade estrutural de falar do próprio desejo visto que a passagem do desejo à linguagem, isto é, sua transformação em demanda, inclui uma perda. O que é demandado pelo sujeito nunca é aquilo que ele deseja e neste sentido a linguagem

sempre fracassa em tentar dizer do desejo do sujeito. A satisfação do chiste, portanto, está em o Outro reconhecer um mais-além do que se conseguiu dizer, ou seja, o que do desejo passou ao dito (MILLER, 1999).

É a partir desse ponto que Lacan (1957-58/1999) busca articular seu esquema do chiste ao Nome-do-Pai¹². Dessa forma, entende que a satisfação do chiste está submetida ao Outro, que ouve e simboliza o que é dito pelo sujeito. O chiste se desenvolve na dimensão da metáfora, isto é, se encontra num para além do significante emitido, expressando algo a mais do que aquilo que o sujeito supõe ter dito. O Outro é o grande responsável por revelar esse “para-além” do significante, sendo aquele que “reconhece a dimensão de um para-além no qual se situa o verdadeiro desejo, isto é, aquilo que, em razão do significante, não consegue ser significado” (LACAN, 1957-58/1999, p. 156). O Outro suplementa a falha na comunicação do desejo pela via do significante, identificando no tropeço, no equívoco, um para-além que diz do desejo do sujeito.

Neste ponto, o Outro se apresenta não somente como sede do código, mas também como sujeito que intervém sobre a mensagem, acolhendo-a no código. Lacan (1957-58/1999) nos diz que o Outro está no nível daquele que constitui a lei, pois abriga em sua dimensão o significante que instaura a legitimidade da lei, a saber, o Nome-do-Pai. A presença do Nome-do-Pai no código é o que garante a sanção dos neologismos. Por ser a lei que acolhe a “exceção”, reconhece e aceita o novo, a mensagem que está fora do código (MILLER, 1999).

Neste sentido, “não poderíamos ter o *Witz* mais simples se não houvesse Nome-do-Pai” (MILLER, 1999, p. 30), é o que se constata na psicose, uma vez que não há um significante que diga “sim” aos neologismos produzidos pelo psicótico. É por dizer “sim” que o pai do Terceiro Tempo do Édipo é privilegiado por Lacan, pois o Nome-do-Pai “é uma lei acolhedora” (MILLER, 1999, p. 39). Diferente da regra que se mostra inflexível tal como vemos no código,

¹² Segundo Roudinesco (1998), o Nome-do-Pai é um termo lacaniano que corresponde ao significante da função paterna. Ao se servir das elaborações de Claude Lévi-Strauss sobre as estruturas do parentesco, Lacan concebe o Édipo freudiano como uma passagem da natureza para a cultura. Em sua leitura, o pai desempenha uma função essencialmente simbólica: é aquele que nomeia, que transmite o seu nome ao *infans*, e, por meio desse ato, encarna a Lei. A função paterna, portanto, consiste em um exercício de nomeação o qual permite a criança adquirir sua identidade. Tal função carrega diferentes nomenclaturas ao longo do ensino de Lacan, que a definiu inicialmente como “função do pai”, depois “função do pai simbólico”, chamando-a por fim de “metáfora paterna”, de forma a interpretar o Édipo não mais como um modelo de patriarcado ou matriarcado, mas como sistema de parentesco (ROUDINESCO, 1998). De acordo com Jorge (2005), a elaboração freudiana em torno do Édipo corresponde à construção da metáfora paterna e, conseqüentemente, do Nome-do-Pai, um processo de simbolização que se desdobra em três tempos. Antes do surgimento de um terceiro que opera um corte na relação mãe-bebê, reinava o nada, o caos, afirma Jorge (2005). É o pai, enquanto terceiro e o representante da Lei que institui o “Não” e introduz a falta, inaugurando, assim, o desejo. O Nome-do-pai vem substituir o nada, dando origem a metáfora paterna, afirma Jorge (2005, p. 52), esclarecendo que “em francês, a palavra *nom*, nome, é absolutamente homofônica com a palavra *non*, não, e, de fato, o Nome-do-Pai é o Não do Pai”.

a lei considera os desvios e dá espaço às invenções do sujeito. Portanto, se faz oportuno apresentar o Complexo de Édipo, momento em que o pai faz metáfora ao romper com o jogo metonímico do Outro materno, instituindo a Lei no universo simbólico do sujeito e garantindo a acolhida da tirada espirituosa pelo Outro.

4.5. A metáfora paterna e a constituição do sujeito

Assim como o chiste representa uma “ruptura” no código a qual fornece um novo sentido ao dito, o advento da metáfora paterna também institui uma “ruptura” que põe fim à relação dual com o Outro materno e submete a criança à Lei, prometendo as condições necessárias para que a mesma possa se situar no universo simbólico. O Nome-do-Pai, como significante que representa a Lei, substitui o significante materno fazendo com que o *infans* saia da posição de objeto de desejo da mãe e alcance um lugar simbólico, assumindo a posição de sujeito desejante.

Para Lacan (1957/1998, p. 526) “o inconsciente não é o primordial nem o instintivo e de elementar conhece apenas os elementos do significante”. A linguagem surge como substituto da falta instintual do homem, logo, não passa de uma grande metáfora, depositando-se no lugar do não-senso que o Real representa e constituindo, junto ao registro do imaginário, a realidade para cada sujeito (JORGE, 2008). Como exemplo de simbolização primordial temos o *Fort Da*, um jogo apresentado por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920) que representa a entrada do ser humano na ordem simbólica.

Lacan (1957/1998), em seu seminário sobre *A carta roubada*, afirma que diante da angústia provocada pela ausência do objeto - neste caso, na ausência da mãe - a criança elabora esse afeto por meio do jogo que pode ser resumido pela obliteração e reintrodução de um objeto substituto, o carretel, que posteriormente será substituído pelo par de sílabas opostas. Segundo Lacan (1957/1998, p. 51), “esse jogo manifesta em seus traços radicais a determinação que o animal humano recebe da ordem simbólica”. Portanto, é correto afirmar que na base da determinação simbólica está a oposição significante. Esse par opositor seria o responsável pela captura do objeto, retirando dele seu caráter instintual e o submetendo às amarras simbólicas. Logo, não há objeto que seja natural para o animal humano, havendo em seu lugar uma falta estrutural que inaugura o desejo.

Lacan (1957-58/1999) lembra que o sujeito, por estar inserido na ordem simbólica, vê seu desejo transformar-se em demanda, adquirindo esse status por efeito do encontro com o objeto primordial, a mãe. Num mundo dominado pela linguagem, o desejo do sujeito será

sempre submetido à lei do desejo do Outro. No momento em que a intenção desejante cruza a cadeia significante, ou seja, que o *infans* se dirige ao Outro materno na tentativa de ter sua necessidade satisfeita, se vê diante da lei desse Outro que se mostra absoluto. A criança se encontra na condição de assujeitado, dependente do desejo do Outro materno e completamente submetida aos seus caprichos. Trata-se da lei da mãe:

Essa lei é [...] não controlada. Reside [...] no fato de que alguma coisa em seu desejo é completamente dependente de alguma outra coisa, que sem dúvida já se articula como tal, e que é realmente da ordem da lei, só que essa lei está, toda ela, no sujeito que a sustenta, isto é, no bem-querer ou malquerer da mãe, na mãe boa ou má (LACAN, 1957-58/1999, p. 195).

Em seu quinto seminário, Lacan (1957-58/1999) apresenta o Complexo de Édipo a partir de três tempos. O primeiro tempo é marcado por uma relação simbiótica entre a criança e a mãe. A dependência da criança ao Outro materno provoca uma aproximação entre os dois personagens, fazendo com que a criança passe a desejar ser o objeto que supõe faltar à mãe. O objeto do desejo materno não é outro senão o falo, ao qual a criança fica identificada. Esse tempo é caracterizado por uma complementaridade imaginária em que o bebê fica no lugar de falo da mãe e a mãe parece possuir o seu objeto fálico, não havendo espaço para um terceiro. “Para agradar a mãe [...] é necessário e suficiente ser o falo”, afirma Lacan (1957-58/1999, p. 198).

No segundo tempo temos a intrusão paterna na relação mãe-criança. O pai é aquele que priva a mãe da sua criança-objeto e faz vacilar a identificação ao falo, sendo percebido pela criança como objeto rival, pois o pai aparece para separá-los, furtando a mãe para si e se oferecendo como falo para ela (DOR, 1989). A criança encontra o Outro do Outro, afirma Lacan (1957-58/1999), a lei que fará com que ela se desvincule de sua identificação com o falo e se vincule à lei, uma lei que sugere “que a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem” (LACAN, 1957-58/1999, p. 199). Saber que o desejo da mãe está submetido à lei de um Outro, faz o desejo da criança - o desejo de ser o falo para a mãe - tornar-se dependente de um objeto que o outro, o pai, supostamente detém, daí surge a dialética ter ou não ter. Segundo Dor (1989, p. 86), “a dialética do ter [...] faz-se, portanto, eco da dialética do ser que governa então a vivência de seu próprio desejo”.

O *infans* passa a questionar sua identificação ao objeto fálico, pois percebe que já não é mais tudo para a sua mãe que, como um ser de falta, deseja para além da sua criança-objeto. O encontro com a lei do pai aponta para a castração da criança que abalada em sua certeza de ser o objeto fálico da mãe é forçada a aceitar que não pode sê-lo nem tampouco o possui (DOR,

1989). Essa última questão, ter ou não ter, “supõe que, para tê-lo, é preciso que haja um momento em que não se tem” (LACAN, 1957-58/1999, p. 192-193), logo, a aceitação ou reconhecimento da castração torna-se a condição para ter o falo.

O terceiro tempo marca o declínio do complexo de Édipo e a simbolização da lei pela criança, visto que o pai deixa de ser seu rival e é reconhecido como detentor do falo, aquele que pode concedê-lo no futuro (DOR, 1989). A criança sabe onde se localiza o desejo da mãe pois é no pai que se encontra o objeto. A questão do ser é resolvida e a criança entra em negociação em relação ao ter. Segundo Dor (1989, p. 88):

o pai não é mais aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Ao contrário, porque ele é detentor suposto do falo, ele o reinstaura no único lugar em que ele pode ser desejado pela mãe. A criança, tal como a mãe, encontra-se, então, inscrita na dialética do ter: a mãe que não tem o falo pode desejá-lo naquele que o detém: a criança, igualmente desprovida, poderá também cobiçá-lo lá onde ele se encontra.

A dialética do ter introduz a criança no jogo das identificações, uma vez que o menino, ao renunciar ser o falo da mãe, identifica-se ao pai, processo que leva o nome de Ideal do Eu. Lacan (1957-58/1999, p. 201) revela que “é por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina”. A identificação com o pai garante à criança todas as condições para se estar em um mundo simbólico, incluindo a assunção do próprio sexo. A saída do Édipo é diferente na menina, com ela também acontece a renúncia de ser o objeto da mãe, contudo, se identifica à mãe e não ao pai, indo em busca, assim como fez a mãe, do falo no pai ou em algum substituto dele. Lacan (1957-58/1999) considera o terceiro tempo como a etapa mais fecunda do Édipo, uma vez que o pai do terceiro tempo é permissivo e doador, é aquele que tem e que promete ao filho o falo. Vale ressaltar que o pai ao qual Lacan (1957-58/1999) se refere não é um objeto real, mas uma metáfora. Com isso, o psicanalista demonstra que a constituição do sujeito, baseada na metáfora paterna, segue as mesmas leis que operaram nas formações do inconsciente.

Como definido anteriormente, o processo metafórico caracteriza-se por uma substituição significativa, ou seja, ocorre quando um significante vem substituir outro, produzindo assim novas significações. Já a metonímia, que pode ser definida como o remetimento de significantes ou significações, tais como “vela” remete a “barco”; e “cinzas” remete a “morte”, também inclui o uso de um significante na tentativa de fazer surgir uma significação diferente da esperada, o que ocorre devido à contiguidade homofônica, como no caso de “décor” [cenário] e “des corps” [corpos] (SAFOUAN, 2006).

Seguindo a lógica da metáfora, o pai é o que vem substituir o primeiro significante que entra na simbolização, a saber, o significante materno. Referindo-se ao *Fort Da*, Lacan indica que essa experiência faz com que a criança saia da posição passiva e assuma o controle da situação, pois, ao jogar com a ausência-presença do objeto, ela decide o destino do que fora perdido (a mãe), podendo simbolicamente abandoná-lo ou tê-lo de volta (DOR, 1989). Segundo Dor (1989, p. 90), o *Fort Da* é a prova de que a criança consegue “controlar fundamentalmente o fato de não ser mais o único e exclusivo objeto do desejo da mãe, isto é, o objeto que preenche a falta do Outro, ou seja, o falo”. A criança então passa a desejar como sujeito, podendo deslizar do objeto perdido aos seus objetos substitutos graças à linguagem, que permite ao sujeito representar, através de substitutos simbólicos, o que fora perdido.

O processo que dá sustentação à metáfora paterna é o recalque primordial [*Verdrängung*], afirma Dor (1989). Esse primeiro ato do recalque consiste na perda de uma vivência imediata e da sua conseqüente substituição. A vivência que se perdeu diz da condição de ser, a qual a criança se achava identificada. É preciso que a criança ascenda à dimensão do ter para dar um substituto simbólico a essa vivência primeira. “A operação necessita que a criança seja conduzida a colocar-se como ‘sujeito’, e não mais apenas como ‘objeto’ do desejo do Outro”, alega Dor (1989, p. 91). O falo, na qualidade de objeto do desejo do Outro, é o significante primordialmente recalcado (S1) que funda a cadeia e governa os significantes que surgirão a partir dele como substitutos, representando as tentativas da criança de designar sua renúncia ao objeto perdido. O recalque primordial [*Verdrängung*] é o ato que assegura a passagem do real da experiência a sua simbolização na linguagem, de maneira que é somente com a perda do objeto que se pode tê-lo, mas só o tem através de um representante, seu substituto (DOR, 1989).

Segundo a fórmula da metáfora, o significante substituto (S2) força a passagem do significante substituído (S1) para baixo da barra de significação, tornando-o inconsciente. Baseando-se no *Fort-Da*, Dor (1989) descreve o seguinte cenário: o bebê, experimentando as idas e vindas do Outro materno, começa a questionar se ele ainda é o objeto que falta à mãe; percebendo que o Outro deseja para além dele, vê o desejo da mãe tornar-se enigmático e passa a se questionar sobre o que ela deseja. O S1 é o significante do desejo da mãe e o s1 é o falo, o significado das suas idas e vindas. A criança passa a associar a ausência da mãe à presença do pai, que aparece inicialmente na posição de objeto fálico rival e, em seguida, como suposto detentor do falo. Logo, o que antes era um enigma passa a ser nomeado, o pai é a causa das ausências da mãe, pois é ele que detém o falo. Dor (1989, p. 92) afirma que:

é aqui, em especial, que intervém o Nome-do-pai associado à lei simbólica que ele encarna. O Nome-do-pai é uma designação endereçada ao reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce a lei. Essa designação é que é o produto de uma metáfora. O Nome-do-pai é o significante (S2) que, para a criança, substitui o significante do desejo da mãe.

É por meio dessa substituição significativa que ocorre a emergência do inconsciente. O significante primordialmente recalcado, o significante do desejo da mãe, servirá de suporte para a efetivação das outras modalidades de recalque, afirma Lacan (1953-54/2009). O recalcado, através de novas substituições retornará incessantemente sob a forma de sonho, ato falho, chiste, dentre outras formações do inconsciente, determinando os atos e o destino do sujeito.

5. CONCLUSÃO

No intento de realizar um exame ampliado do conceito de inconsciente, estabeleceu-se um diálogo entre Freud e Lacan a fim de expor a concepção freudiana de inconsciente e os desdobramentos que Lacan empreende sobre esse conceito fundamental à psicanálise. Buscou-se realizar, inicialmente, uma revisão da teoria do inconsciente em Freud de modo a evidenciar a maneira como se estruturam as formações do inconsciente. De posse desta estrutura, partiu-se para o exame dos textos e seminários de Lacan nos quais o psicanalista francês revisita o inconsciente freudiano sob a perspectiva da linguagem. A fim de apresentar o inconsciente através das suas formações, explorou-se o universo do *Witz* tanto em Freud quanto em Lacan, uma vez que este último o tomou como modelo de elucidação de sua tese do inconsciente-linguagem.

Traçando o caminho percorrido por Freud desde o seu encontro com Charcot até o momento em que rompe sua parceria com Breuer e funda a psicanálise, percebe-se o movimento que a experiência freudiana faz em direção à palavra e a verdade particular por ela revelada. É através dos relatos de sonhos, do exame de acontecimentos cotidianos que perturbam a vida diurna, de anedotas, histórias espirituosas e do que seus pacientes tinham a dizer sobre o padecimento psíquico, que Freud se aproxima de um saber até então desconhecido: o saber inconsciente. Descobre um “lugar” regido por leis operantes na produção de fenômenos estranhos à consciência que logo serviram de fonte para o conhecimento do inconsciente.

Depois de Freud o conceito de inconsciente parece perder sua centralidade no campo da psicanálise, que passa a privilegiar outras elaborações freudianas tais como a noção de Eu. Nesse sentido, ao partir da premissa de que a psicanálise se constitui como um saber e uma experiência que se dedica ao exame das manifestações do inconsciente, Lacan realiza um retorno aos fundamentos de Freud introduzindo a linguística de Saussure a fim de empreender uma leitura do inconsciente freudiano. Concede, assim, um lugar privilegiado ao significante, à metáfora e à metonímia na elucidação desse conceito.

Para examinar a concepção de inconsciente apresentada por Lacan em seu “retorno a Freud” foi necessário apreender a sua estrutura conceitual a qual constitui o ponto de partida do psicanalista francês. Trabalhando os textos do período de 1915 se apreendeu não somente a origem do inconsciente a partir do exame do recalque [*Verdrangung*], como também os desvios que propiciam suas manifestações, a saber, a condensação e o deslocamento. Na busca de examinar como se dão esses desvios tomou-se o chiste como modelo de formação do inconsciente, considerando que o mesmo foi objeto de investigação no seminário 5 de Lacan,

já que se constitui como fenômeno linguageiro, o que vem tornar mais nítida a relação entre inconsciente e linguagem.

Seguiu-se a leitura do inconsciente freudiano a partir de Lacan, o qual defende a tese de que o mesmo seria estruturado como uma linguagem. Ao demonstrar que o inconsciente se revela nos equívocos e/ou nos jogos significantes, Lacan expõe a estrutura do chiste ratificando que as técnicas verbais expostas por Freud equivalem às leis do significante. Através dessas leis forma-se o chiste, o qual se apresenta como um desvio, uma subversão do código que o Outro da linguagem acolhe e qualifica como espirituosa.

Vale ressaltar que o chiste não traz somente a marca da espiritualidade como também se apresenta como uma novidade no discurso do sujeito. De acordo com Miller (1999), Lacan vê o chiste como um meio para se pensar o novo na psicanálise, pois o espirituoso sempre se apresenta como algo novo no dizer. Trata-se de uma mensagem inesperada que de início pode parecer sem sentido, mas que guarda em si uma significação inédita. A novidade está na diferença em relação às prescrições do código, sendo portanto um desvio à norma, uma forma de subverter a racionalidade e a Lei. Além disso, o prazer fornecido pelo chiste parece derivar ou ao menos compensar a quebra da norma civilizatória.

Por incluir uma testemunha em sua estrutura o chiste é qualificado por Freud (1905/2017, p. 255) como “a mais social de todas as funções psíquicas que visam o prazer”, se constituindo como um jogo de palavras que, longe de promover a angústia no outro, tem a função de dissolver recalques e desdramatizar o sofrimento (FREUD, 1905 apud ROSA, 2015). Além do chiste, há também o humor, que pode representar um modo do sujeito poupar-se de afetos desprazerosos e ainda extrair prazer de situações adversas (FREUD, 1927/2014).

Neste sentido, se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, conforme afirma Lacan, os sujeitos inseridos no universo simbólico podem se valer da linguagem para lidar ou se defender, mesmo que inconscientemente, de questões que os atravessam. Rosa (2015) afirma que a relação com o outro, isto é, a experiência compartilhada, pode caracterizar um tipo de resistência às estratégias do poder, configurando, portanto, um ato de transgressão, de ultrapassagem dos limites e de revelação da impostura. A autora afirma que a experiência de compartilhar o trágico por meio do cômico abre ao sujeito a possibilidade de denunciar ou ao menos contornar as identificações imaginárias presentes nas mais diferentes manifestações de ódio ao outro.

Nesta perspectiva, o chiste, como experiência compartilhada - dado que prevê a presença de um terceiro em sua estrutura e permite a expressão do que está velado na relação com o semelhante -, pode representar uma forma de transformar o ódio ou a agressão dirigida

ao sujeito em gozo, ou seja, em riso. No caso de uma violência de cunho racista, Birman (2005 apud ROSA, 2015) afirma que o chiste permite que o sujeito faça barreira à identificação com o agressor e esvazie o aniquilamento presente no gesto racista. Roudinesco (2016) cita os chistes com judeus, os quais denunciavam de uma forma espirituosa os problemas que a comunidade judaica enfrentava com o antissemitismo na Europa Central.

Considerando o caráter social e subversivo dessa formação do inconsciente, indica-se, como um estudo futuro, a leitura do chiste como uma possível estratégia (inconsciente) de resistência às mais diferentes manifestações de ódio ao outro, como no racismo e na lgbtfobia. Ademais, pensar o lugar que o humor pode ocupar em regimes totalitários também se mostra como um ponto de interrogação pertinente, uma vez que a postura humorística na concepção freudiana constitui um ato de rebeldia no qual se vê o triunfo do Eu e do princípio do prazer sobre as adversidades da realidade (FREUD, 1927/2014).

Neste sentido, o humor pode servir de estratégia de defesa contra os atos de opressão assim como um meio de burlar a censura ao se utilizar de artifícios que se assemelham às técnicas descritas por Freud em sua obra sobre o chiste, demonstrando a plasticidade da linguagem e sua capacidade de subverter a si mesma, isto é, as normas estabelecidas pelo código. A metáfora paterna não só permite o desenlace da criança com o Outro materno e sua ascensão como sujeito de desejo, como institui a Lei que garante a “quebra” das normas e a acolhida do que surge dela, do inédito. O uso da metáfora pode ser uma via para tratar o Real do ódio que exclui a diferença por meio do Simbólico, acolhendo e dando um novo sentido ao desvio da norma.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. O conhecimento do inconsciente e o método psicanalítico. In.: ADORNO, T. W. *Primeiros Escritos Filosóficos*. Tradução: Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 307-364.
- ADRIANA CALCANHOTTO. A fábrica do Poema. Rio de Janeiro: Sony Music Entertainment Brasil Ltda, 1996.
- ALONSO, Silvia Leonor. A escuta psicanalítica. *Revista Percurso*. São Paulo, Departamento de Psicanálise do Instituto SEDES Sapientiae. n. 1, p. 20-23, abr. 1998.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução: Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* (1900). Tradução Renato Zwick. Porto Alegre-RS: L&PM, 2017. p. 15-648.
- _____. Obras completas, Vol. 7: *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905). Tradução: Fernando Costa Mattos; Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- _____. Contribuições à história do movimento psicanalítico (1914). In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 11: Totem e Tabu, Contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327.
- _____. O Inconsciente (1915a). In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 99-150.
- _____. A repressão (1915b), In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 83-98.
- _____. Os instintos e seus destinos (1915c), In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81.
- _____. Luto e Melancolia (1917), In.: FREUD, S. *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 99-118.
- _____. Uma dificuldade da psicanálise (1917), In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 14: "O homem dos lobos" e outros textos* (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 240-252.
- _____. O Eu e o Id (1923), In: FREUD, S. *Obras completas, Vol. 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1924). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 14-74.

_____. Resumo da Psicanálise (1924), In. FREUD, S. *Obras completas, Vol. 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos* (1923-1924). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 222-251.

_____. O humor (1927), In. FREUD, S. *Obras completas, Vol. 17: o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 322-330.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise, vol. 1: as bases conceituais*. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *Lacan, o grande freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-536.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 81-166.

_____. O seminário sobre 'A carta roubada'. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 13-66.

_____. *O seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*. Tradução Betty Milian. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *O seminário, Livro 2: O eu na teoria de Freud e na psicanálise, 1954-1955*. Tradução Betty Milian. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

O seminário, Livro 3: as psicoses, 1955-1956. Tradução Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. *O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Televisão*. Tradução Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan: as formações do inconsciente*. Tradução: Maria Josefina Sota Fuentes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Percurso de Lacan*. Tradução: Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

PEREZ, Daniel Omar. *O inconsciente: onde mora o desejo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

QUINET, Antonio. *As 4+1 condições de análise*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

_____. *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ROSA, Miriam Debieux. Viver em tempos sombrios: a experiência e os laços com os contemporâneos. In.: ROSA, M. D. *Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento*. 151 f. Tese (Livre Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 55-58.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. 1. ed. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

SAFOUAN, Moustapha. *Lacanianos I: os seminários de Jacques Lacan: 1953-1963*. Tradução: Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SILVA, Reginaldo; LUCENA, Lucas. Origem e deslocamentos do inconsciente em Sigmund Freud. *Polymatheia - Revista de Filosofia*. Fortaleza, v. 12, n. 21, p. 70-89, 2019.

SOLER, Colette. *O inconsciente: que é isso?*. Tradução de Cícero Alberto de Andrade Oliveira e Dominique Fingerhann. São Paulo: Annablume, 2012.